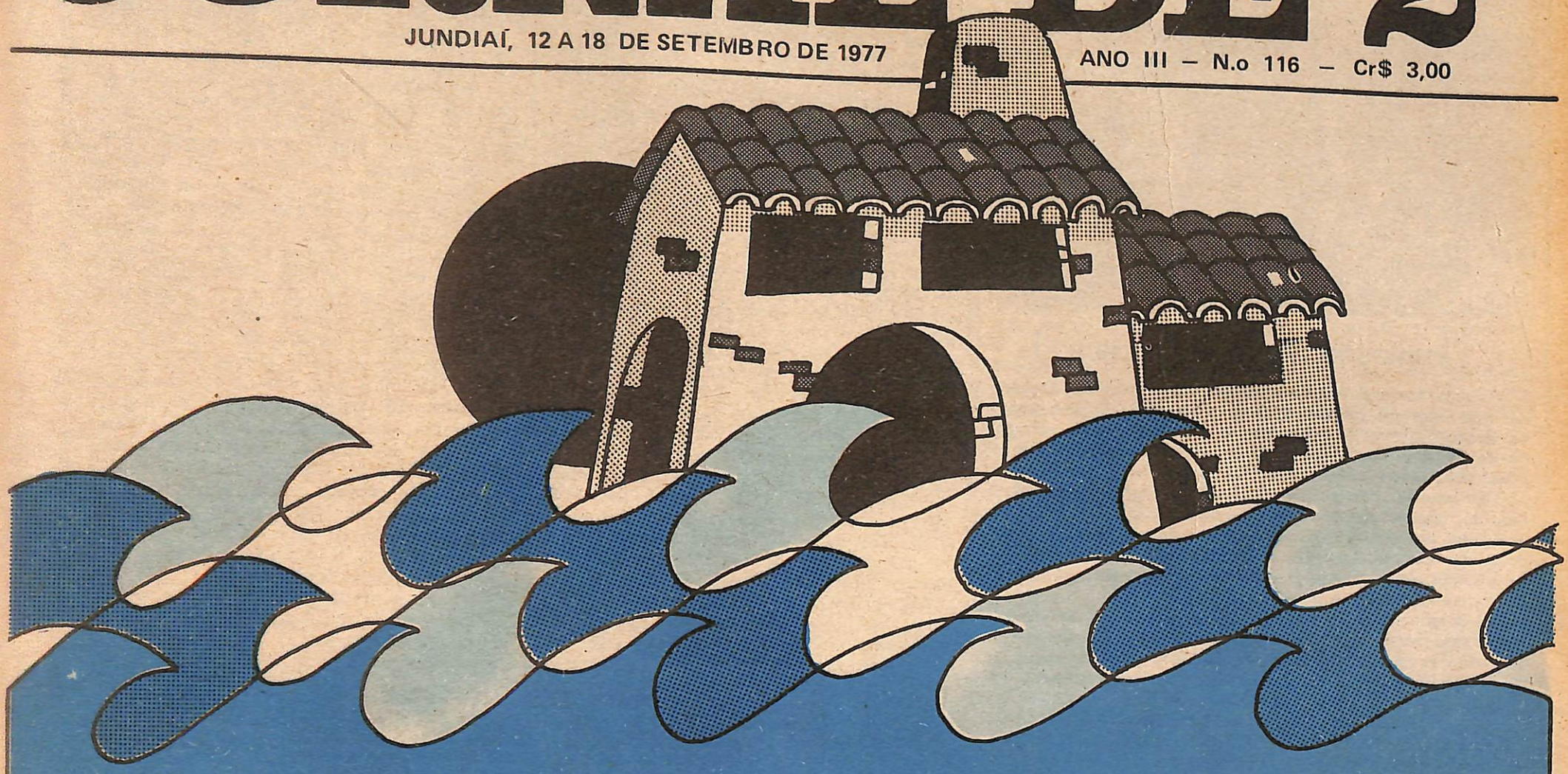
JORNAL DE 2ª FEIRA

JUNDIAÍ, 12 A 18 DE SETEMBRO DE 1977 — ANO III — N.o 116 — Cr$ 3,00



A REPRESA IMPOSSÍVEL

AH MABS

O vale do rio Jundiaí Mirim deverá ser inundado pela represa que a cidade precisa. O que vai ficar debaixo da água, os problemas, o alto custo das desapropriações e o dinheiro necessário que o município não tem, nas páginas 5, 6, 7 e 8.

O PREFEITO QUER FAZER TUDO SOZINHO

Pág. 10

O VELHO (VELHO?) BENÊ VOLTA AO CAMPO

Pág. 11

OS ADAMELLOS: LEIA O CONTO PREMIADO

Pág. 13

SERRA DO JAPI: SÓ MAIS 20 ANOS DE VIDA

Pág. 18

ACIDENTE



Implosão à moda da casa

O fato, bastante inusitado, não tardou a chamar a atenção dos populares que estavam passando pela rua Barão de Jundiaí na manhã de terça-feira passada: o desmoronamento parcial de um prédio. Tanto assim que as calçadas fronteiriças, em pouco tempo, se encheram de curiosos.

Na esquina da rua Coronel Leme da Fonseca com a Barão, há alguns meses existe uma construção. Na terça-feira, por volta das 10h45, os operários perceberam que a parede do prédio vizinho — n.o 969 da rua Barão, começou a trincar, derrubando alguns tijolos. O pedreiro que percebeu começou a gritar para que todos se afastassem.

O desabamento foi rápido. Mais da metade da parede da lateral caiu, levando consigo o piso, telhado e paredes internas de parte dos dois apartamentos do primeiro andar do prédio e os fundos da farmácia instalada no térreo. Descobertas as entranhas das casas, parecia que haveria vítimas.

Eliana Brandi, moradora no apartamento dos fundos, percebeu o que estava ocorrendo e foi avisar a vizinha da frente, Mara Lígia Borgesan Migliato, que correu para fora para avisar os pedreiros. Com isso, Eliana voltou para sua casa tentando colocar sua filha Adriana, de três anos, fora de perigo.

Mãe e filha acabaram presas no único cômodo da residência que permaneceu intacto. Ambas foram retiradas pelos pedreiros, que escalaram os escombros e as trouxeram carregadas. Apesar da amplitude do desastre, nenhuma pessoa sofreu sequer um arranhão. Apenas susto.

Na farmácia Drogacerta, o único local que escapou foi a perfumaria. O resto, laboratório, ambulatório e o depósito, foram atingidos. Os 12 funcionários e a dezena de clientes que estavam no interior do estabelecimento saíram ilesos.

Um caso semelhante aconteceu há vários meses na rua Torres Neves, esquina com a Rangel Pestana. Uma construção ao lado do prédio provocou o desabamento do piso e parede dos fundos, soterrando máquinas e materiais da gráfica ali instalada.

Os prejuízos do último desabamento deverão ser assumidos pela construtora Engequip, responsável direta pelo acidente. Ou negligência? Até onde vai a culpa e obrigações da construtora do engenheiro ou de quem mais for culpado? Quais são os direitos dos atingidos? As pessoas que lá residiam vão morar onde? Por conta de quem? E os lucros cessantes da farmácia, devem ser ressarcidos?

JORNAL DE 2ª

DIRETORES
Ademir Fernandes
Erazê Martinho
Esdra Guimarães do Carmo
Francisco de Assis Olivà
Sandro Vaia
Sérgio Rondino
DIRETOR RESPONSÁVEL
Sérgio Rondino
REDAÇÃO
Ademir Fernandes
Carlos Kazuo Inoue
Erazê Martinho
Lêda Maria de Carvalho Cassins
Sandro Vaia
Sérgio Henrique de Souza
COLABORADORES
Antonio Araújo Vieira
Carlos Veiga
Inácio Araújo (Paris)
J. Germano
Mário Lúcio Marinho
Pedro Autran Ribeiro
Pedro Franca Pinto
Percival de Souza

ARTE
Alberto Inoue
Décio Denardi
FOTOGRAFIA
José Luiz Calcenoni
Renato Bezzan
COMPOSIÇÃO
Maria de Fátima F. Trimboli
DEPARTAMENTO COMERCIAL
Representante:
Ivone Marchi Magalhães

O Jornal de 2a. Feira é uma publicação da Editora Japi Ltda.
Redação, Publicidade e Administração: rua Senador Fonseca, 1.044
Jundiaí – SP
CEP. 13.200 – Telefone: 434 - 8648
Composto e empresso nas oficinas da Editora Japi Ltda.
Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal.

CÂMARA

O apogeu da democracia relativa

Caso as transmissões das rádios Santos Dumont e Difusora fossem feitas em ondas curtas e chegassem ao Alaska, e caso houvesse algum esquimó insone ouvindo a transmissão da última sessão da Câmara de Vereadores, realizada dia 8, ele certamente concluiria: "Democracia relativa, aqui, não!".

Porque o que houve de insensatez e primarismo na sessão que sucedeu ao Dia da Pátria reflete bem o estado em que foi deixado o poder Legislativo, a partir de quando se instalou no país o referido estilo democrático.

Sem falar em bobagens do tipo "criar uma Cidade da Criança em Jundiaí para que nossas crianças não precisem ir a São Caetano para viver sua infância" (Ercílio Carpi), "a luta contra as calçadas, principalmente as do Centro" (Pedro Oswaldo Beagim), "a Concrebrás mandou uma carta pedindo desculpas pelo concreto que seus caminhões derramam pelas nossas ruas" (Auçônio Tozzeto), os vereadores primaram pela tomada de posições que fariam Franz Kafka se julgar um aprendiz de literatura de ficção.

Aprovaram um projeto de lei que autoriza o diretor do Colégio Técnico de Enfermagem a celebrar contrato com a Secretaria de Estado da Saúde. Acontece que não existe o cargo de diretor do CTE na lei que criou esse estabelecimento de ensino técnico.

Rejeitaram uma moção de apoio à "Carta aos Brasileiros" dos juristas de São Paulo, valendo-se do "argumento de autoridade" do ex-secretário da Segurança do ex-governador Adhemar de Barros, o deputado federal Cantídio Sampaio, que considera o autor da "Carta" Gofredo Telles Junior "um sabujo de Plínio Salgado" (o esquimó deve ter pensado: "Mas isso é uma guerra de sabujos!").

E finalmente aprovaram o adendo-substitutivo ao projeto de congelamento de impostos, um quebra-galho improvisado pela prefeitura para substituir o absurdo projeto 3176, inconstitucional e demagógico que eles, os vereadores, já haviam aprovado em primeira discussão na sessão da quarta-feira anterior.

Esse adendo-substitutivo entrou na casa à noite, no dia da sessão, trazido em mãos pelo vice-prefeito Fossen e pelo futuro secretário das Finanças José Carlos Polo. Como contradissesse tudo quanto estava proposto no projeto 3176, foi considerado "um novo projeto", ganhou um novo número e foi aprovado sabujamente pela maioria dos vereadores presentes. Em outras palavras, valendo-se do primarismo dos vereadores, o prefeito Fávaro, mais uma vez, usou e abusou do seu primarismo, tratando a toque de caixa um assunto de maior importância para a comunidade.

Para felicidade dessa comunidade, porém, trata-se de mais um gesto de honestidade do prefeito Fávaro. E como tal recebeu o voto de confiança da Casa de Leis.

Aliás, numa democracia relativa, se não houver voto de confiança em que a gente vai votar, afinal? (Erazê)

POLÍTICOS

Abrem-se cortinas

A arte cênica chegou à Câmara Federal, na semana passada, através do deputado Joaquim Bevilacqua (MDB-SP), que leu da tribuna uma peça chamada "Diálogo de um político com a sua consciência". Segundo o plano original do deputado paulista, a peça seria lida em conjunto com o deputado João Cunha, que faria o papel da consciência – respondendo às indagações feitas pelo político. O regimento interno da Câmara Federal, no entanto, não permite apartes no horário dedicado às lideranças, e a intervenção de João Cunha como "consciência" foi considerada aparte, e como tal proibida pela mesa.

Bevilacqua, então, leu sozinho o seu diálogo, que virou monólogo. Um trecho:

Bevilacqua: – "Por que estarei tão cético, quando todos afirmam sua consciência no diálogo? Afinal, é a nova palavra de ordem, não se justificando meu pessimismo. Ou será que minha descrença está condicionada às crianças famélicas, aos injustiçados de hoje, aos oprimidos e discriminados? Ainda que assim fosse, devo me relembrar de que sou deputado federal, representante legítimo do povo brasileiro (. . .).

Consciência: – "Você fala de tempos em que a palavra fazia a lei. O verbo construía e demolia. Hoje as palavras perderam o sentido. Veja que distensão virou cassação, exceção passou a regra, eleição é nomeação, e sucessão é continuidade. Revolução é não mudar, pois mudança é subversão. Opor-se é contestar, divergir é agitar, reunir é conspirar. A democracia, hoje, é mais relativa do que democracia, e eleição não tem mais voto, nem o voto significação (. . .) Antigamente era tudo mais difícil, mais complicado. Não havia o AI-5 para fazer, em nosso nome, novas Constituições e novas leis. Substitui até juiz, veja você. Então para que dialogar? O AI-5 fala por você, pensa por você, age por você, julga pelo juíz (. . .).

A peça de Bevilacqua foi muito aplaudida no plenário da Câmara. Só uma voz discordante: a do inefável José Bonifácio, que, travestido de crítico teatral, deu a peça a seguinte cotação: "ridícula". Como todas as opiniões de Bonifácio, esta também não foi levada a sério por ninguém.

DEMOCRACIA

Convicção ou dividendos?

Os empresários também querem a democracia. Isso é ponto pacífico. O único problema, até agora, é identificar quais, entre os empresários, são os que querem efetivamente uma democracia plena, com todas as suas implicações – inclusive a do revigoramento dos sindicatos de trabalhadores – e quais os que a identificam apenas com a defesa de seus interesses.

Alguns dos empresários que estão defendendo a democracia, tentam apenas desentupir alguns canais de comunicação com o governo, porque consideram que sua atuação, no campo econômico, é muito autocrática. Para essa faixa de empresários, democracia significa simplesmente: "queremos ser ouvidos pelos ministros quando se tomam decisões na área econômica".

O jornal "O Estado de São Paulo" fez, na semana passada, uma mesa redonda com alguns dos empresários mais representativos da vida econômica de São Paulo – Laerte Setubal, diretor da Duratex; Américo Oswaldo Campiglia, presidente da Associação das Empresas de Crédito, Investimento e Financiamento de São Paulo; Alfredo Nagib Rizkallah, ex-presidente e atual conselheiro da Bolsa de Valores de São Paulo; Luiz Eulábio Bueno Vidigal Filho, presidente do Sindicato da Indústria de Auto peças, e Luis Carlos Bresser Pereira, professor da Fundação Getúlio Vargas.

Foram emitidos, nessa mesa-redonda, alguns conceitos interessantes. Laerte Setubal, por exemplo, acha que o fato essencial do atual debate sobre abertura democrática deve-se ao levantamento da censura à imprensa. Ele diz que "ninguém mais pode comodamente dizer que assuntos políticos não lhe interessam. Na época em que existia censura, esse comportamento era viável, pois o empresariado estava tranquilo para dizer o que pensava, já que sabia que nada seria publicado. Hoje isso não ocorre: o que o empresário declara é publicado, e amanhã ou depois ele terá de responder por suas palavras".

Para Américo Campiglia, "o fato econômico é a fonte geradora de todos os problemas, principalmente das inquietações que vivemos hoje em dia" Luiz Eulálio concorda: "Nos anos áureos da economia brasileira, de 1972 a 1974, por exemplo, o empresário não conversava sobre política, não se interessava pelo tema, mas não pelo fato de haver ou não censura, mas sim porque a economia estava andando bem".

Bresser Pereira acha que "o que marca profundamente a realidade brasileira atual é uma profunda crise de legitimidade do governo, marcada pela crescente ruptura do pacto político estabelecido em 1964 entre a classe empresarial nacional, a tecnocracia estatal e as empresas multinacionais. Contudo, vimos nestes últimos três anos, um crescente afastamento entre o empresariado e o governo, cuja causa está debruçada sobre uma base econômica". E mais adiante, depois de falar do fim do "milagre brasileiro", lembra que a partir de 1974, com a grande derrota que sofreu nas eleições, o governo passou a aumentar os salários em termos reais. "Esse fato causou, imediatamente, uma redução da taxa de lucros". Como a taxa de desenvolvimento econômico estava sendo reduzida também, o empresário passou a se sentir "muito incomodado e insatisfeito". E lembra, muito oportunamente: "Enquanto no período do "milagre", quando a renda crescia muito rapidamente, não tinha importância que o Estado fosse arbitrário no processo de divisão do excedente econômico (. . .). Mas quando esse excedente começa a diminuir, ainda que relativamente, o caráter autoritário das decisões governamentais se torna mais evidente para o empresariado. Foi o que aconteceu a partir de 1975".

No fim, resta a indagação feita por Laerte Setúbal, que fica à espera de uma resposta: "Há uma convicção realmente democrática ou não há? Ou é reflexo do seguinte: "Escuta, o negócio está apertado, quem sabe se a gente dialogar conseguimos que as medidas monetaristas sejam afrouxadas?"

Enfim: os empresários querem a democracia por uma questão de convicção, ou por uma questão de dividendos?

SUCESSÃO

Magalhães é para rir?

O maior mistério da atualidade nos meios políticos é o seguinte: o que é que avaliza a desenvoltura com que o senador mineiro Magalhães Pinto vem correndo por fora num páreo sucessório que todos os observadores políticos consideram, de antemão, já decidido?

Dizem que às vezes o velho senador desafia a lei de gravidade e mesmo assim ganha. Será possível? Em todas as especulações que se fizeram a respeito de quem será o futuro presidente, ninguém ousou, até agora, levar a sério qualquer possibilidade que não incluia uma alternativa militar: se não for João Baptista Figueiredo, será Silvio Frota. Se não for nem este, nem aquele, admite-se até a remota possibilidade de nome do general Dilermando. E na semana que passou, falou-se com insistência em outro general, Ariel Pacca.

Magalhães Pinto? Deve estar blefando, ou está fazendo o jogo de alguém. Acontece que há contra-argumentações também poderosas: 1.o) o velho senador não está mais na idade de blefar com essas coisas; 2.o) se for o jogo de alguém, é um jogo bastante intrincado, porque ninguém consegue descobrir-lhe o sentido.

Na última terça-feira, Magalhaes Pinto acrescentou um pouco de bom humor à sizuda disputa presidencial, quando convidou os jornalistas



Magalhães no páreo?

que o entrevistavam a tomar um desjejum com ele no Palácio Alvorada, "quando eu for presidente".

O mais provável é que os jornalistas continuem tomando o desjejum em suas casas mesmo. E que o processo sucessório continue sendo decidido em círculos fechados, aos quais os mortais comuns continuarão não tendo acesso.

A não ser que uma remotíssima reviravolta no atual quadro coloque tudo de pernas para o ar, e a lógica, como nos jogos da Loteria Esportiva, ceda lugar a imprevisíveis **zebras**, a presença do senador mineiro no palco da sucessão, terá servido para colorir esse cinzento debate sem povo com as vivas cores do surrealismo.

TRABALHO

O salário-poesia

Quatro líderes sindicais metalúrgicos de São Paulo encontraram-se com o ministro Mário Henrique Simonsen, da Fazenda, na semana passada. Foram pedir, entre outras coisas, a reposição da diferença do reajuste salarial calculado a menos em 1973, por causa da aplicação de índices falsos ao cálculo da correção monetária daquele ano.

Os metalúrgicos pretendem que o governo reponha 18% para os trabalhadores da capital e 34,1% para os trabalhadores do interior.

Simonsen ouviu atentamente os líderes sindicais durante três horas de audiência, e disse que foi um "diálogo muito produtivo".

Mas os líderes metalúrgicos não pareceram compartilhar da mesma opinião. Embora o ministro tenha tentado convencê-los de que o governo já repôs a diferença salarial pleiteada, e que não tem a menor intenção de reajustar nada, eles sairam dizendo que continuarão lutando para isso. Joaquim dos Santos Andrade, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo (capital), por exemplo, saiu da reunião dizendo que "não existe sindicato forte nem sindicato fraco, mas sim sindicato atuante e não atuante. Ele fica com a opinião dele e nós com a nossa".

Quando um repórter perguntou a Joaquim Andrade se uma eventual greve não iria agravar o problema de desemprego, em virtude da política governamental de desaquecimento da economia, ele respondeu: "A indústria automobilistica, mesmo na época de seus maiores lucros, nunca os repartiu com a classe trabalhadora e, assim, não é justo que agora reparta conosco os prejuízos".

O ministro Reis Velloso, do Planejamento, foi um pouco menos sutil do que o seu colega da Fazenda. Ele disse que "toda essa discussão" em torno da reposição de salários "é poesia".

Parece que a opinião dos metalúrgicos teima em não coincidir com a do ministro. Eles estão mais propensos a acreditar que "poesia" foram os dados divulgados pelo governo em 1973, nos quais se basearam os cálculos para o reajuste de seus salários. E essa é uma espécie de "poesia" cujo lirismo para os metalúrgicos – deve soar bem desafinado.

ESPORTE

O fracasso das "cruzetas"

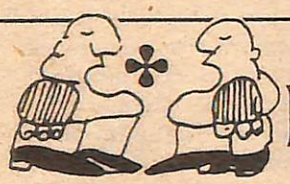
As "cruzetas", como ficaram conhecidos os carnês lançados pelo ex-prefeito Ibis Cruz para ajudar o Paulista, não surtiram o efeito desejado. Nem bem a idéia foi posta em prática, já voltou para o estaleiro, à espera de novas reformulações.

Segundo Ibis Cruz, o criador das "cruzetas", elas não motivaram a população como se esperava e sempre que eram oferecidas vinha a seguinte pergunta: "o que eu recebo em troca?".

Em vista disso, o projeto foi guardado, para um relançamento posterior, caso Ibis Cruz se eleja presidente do clube. Aí os carnês poderão voltar, só que desta vez, em troca dos 500 cruzeiros mensais, os compradores concorrerão a vários prêmios, entre eles muitos automóveis.

Quando fala do assunto, o ex-prefeito não esconde o seu descontentamento. "O que acontece é que a população de Jundiaí é muito refratária a esse tipo de coisa. Se não vê a possibilidade de receber algo em troca, não colabora mesmo".

Assim, as "cruzetas" nem bem chegaram a ser vendidas, o que, para Ibis, "é lamentável, porque seria uma forma de conseguirmos os trezentos mil cruzeiros mensais necessários para tocar o Paulista, independentemente das rendas, que poderiam ser utilizadas para melhorias do estádio e contratação de técnico e jogadores". (S.H.)



PALAVRAS

"A imprensa está avisada: a partir de março de 79, quando Magalhães Pinto tomar posse na presidência da República, os jornalistas serão convidados a tomar o café da manhã presidencial no Palácio da Alvorada, onde receberão logo cedo uma "noticiazinha". (Jornal da Tarde, 7/9).

"Os políticos estão brincando de Alice no País das Maravilhas". (Del Bosco Amaral, deputado estadual do MDB paulista).

"Este momento é o mais positivo que o País vive. Oxalá ele não seja truncado, não seja estancado, mas seja valorizado". (Dom Ivo Lorscheiter, secretário geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

"Sai um governo, eu estou lá, vendo o que posso fazer com o outro". (Primo Carbonari, produtor de jornais cinematográficos).

"Para sobreviver na Baixada é preciso matar". (Silas Pereira de Andrade, sargento reformado da Marinha e ex-subdelegado de Vila de Cava, no Rio, (O Globo, 4/9).

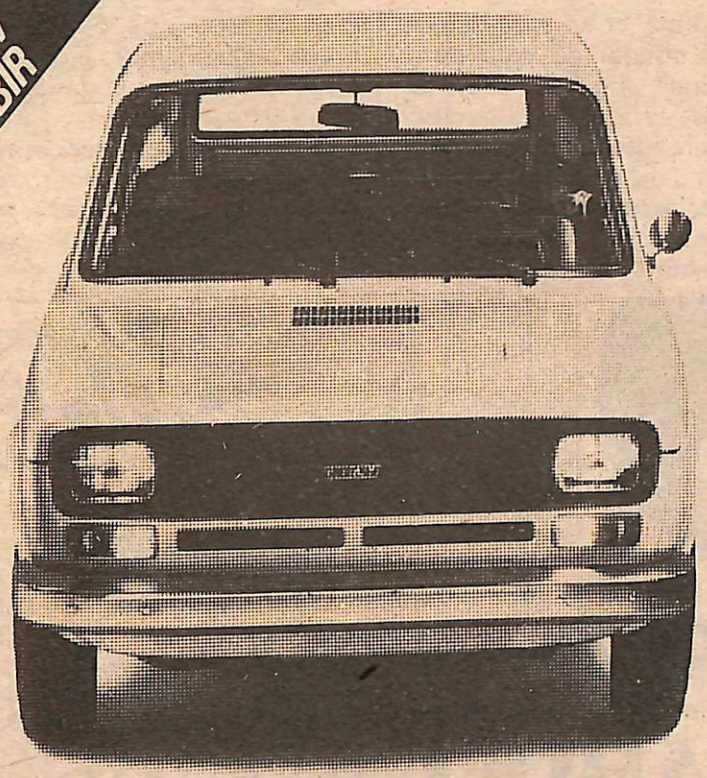


AUTO PEÇAS E MECÂNICA GRAND-PRIX LTDA.

ESPECIALIZADA EM PEÇAS E MECÂNICA CHEVROLET
REVENDEDOR AUTORIZADO DOS TRAILERS
KARMANN CARAVAN
DA KARMANN-GHIA DO BRASIL LTDA.

Rua Bandeirantes, 157 – Fones: 436.6943 – 434.9226

O PREÇO DO FIAT 147 VAI SUBIR



©artshop

FIAT Automóveis S.A. Concessionária

Compre agora o seu Fiat 147 por
Cr$ 56.200,00.*
* Preço posto fábrica

J. V. Jun Veículos S.A.
Av. Manoela Lacerda de Vergueiro, 100
(DDD 011) Fones: 434-2353 - 434-7056
434-7244 - JUNDIAÍ - (SP)

ECOS E COMENTÁRIOS

Entre as pequenas coisas que estão reclamando urgentes interferências da administração municipal, vem apontada a situação da rua Vigário João José Rodrigues, no trecho compreendido pelas ruas José do Patrocínio e Olavo Guimarães.

O governo anterior deu muito que falar quando asfaltou a referida artéria por cima dos paralelepípedos do calçamento.

A despeito de ter sido recapeada sessenta dias depois de asfaltada, apresenta enormes corrosões como a que se vê defronte à antiga Funerária Bonifácio.

O que nos induz a estas linhas, porém, é o trecho acima mencionado. Ali, a rua Vigário tem largura dobrada o que facilita bastante o escoamento do trânsito cujo fluxo aumenta de dia para dia. Os buracos, entretanto, estão criando sérios embaraços e gerando perigos iminentes.

Os automóveis, justamente pelo fato de a rua ser mais larga, seguem mais ligeiros e quase colados uns aos outros. Daí, ao desviarem-se no caminho, os carros da frente ensejam as batidas. É o que se dá de hora em hora.

A baixada da rua Vigário é de terra brejada. Não favorece o asfaltamento sem que seja devidamente drenada. Protesta, portanto, por maiores cuidados com relação a uma pavimentação definitiva.

Isto posto, entendemos que a secretaria de obras da municipalidade deve providenciar sem mais delongas o fechamento dos referidos buracos, tão simplesmente, até que se possa dar ao local o atendimento requerido.

O que de momento cumpre evitar na medida do possível são as batidas e discussões que se vem verificando.

Eicio Vargas

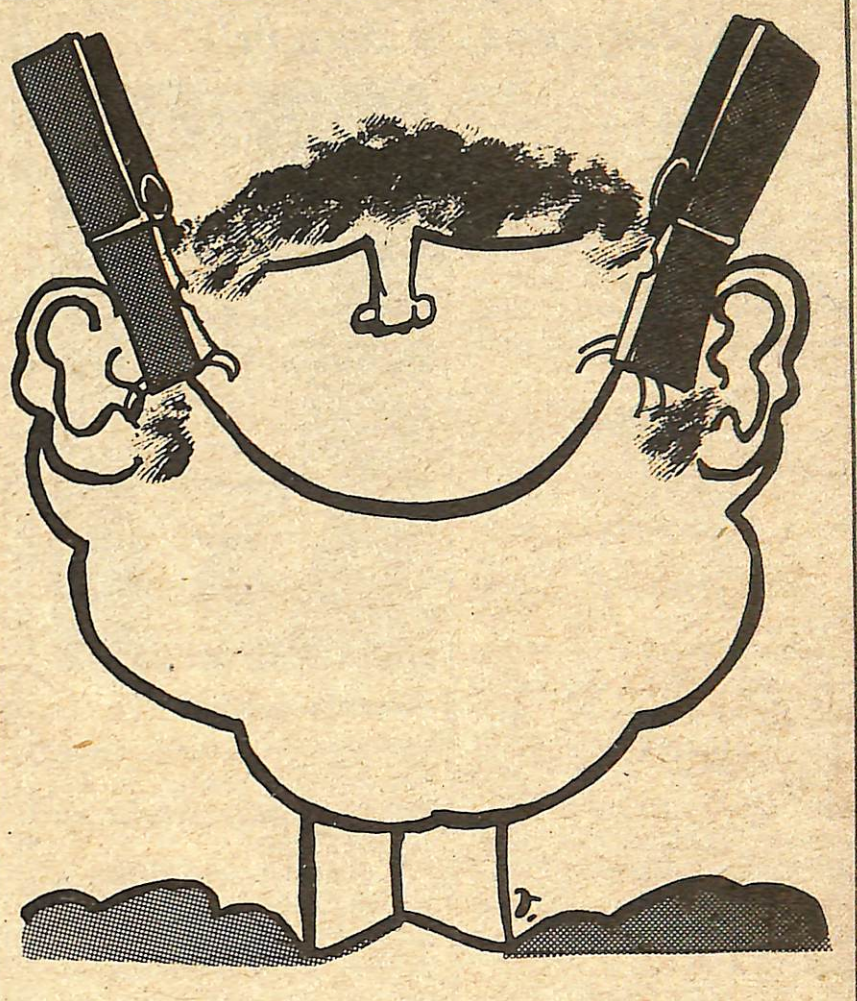
CRÔNICA VADIA

O BRASIL É FEITO POR NÓS

Eis aí um slogan que bate à nossa cara. A cara de "tutti quanti". E como bate! Vale dizer que fomos nós que fizemos tudo o que aí está. De bom e de mau. A falar verdade, não temos feito outra coisa desde que Cabral meteu o nariz no recôncavo baiano. Folheando a crônica do tempo constatamos que muita coisa boa já foi feita a par de besteiras à granel. Até aí nada de mais, se considerarmos que entre acertos e erros o placar da história assinala um zero-a-zero. Estamos empatados e um empate se não engrandece, não desmerece ninguém. Olhando o futuro com um pouco de otimismo, podemos ver um horizonte cor-de-rosa.

Todavia, de uma coisa não falece dúvida. O genial criador do catavento verde-amarelo nunca veio à Jundiaí. Se conhecesse a nossa terra te-la-ia excluído de sua generalidade. Nesse caso, quem foi que fez Jundiaí? Foi o Capeta. Só poderia ter sido ele. Pelas coisas que aconteceram e acontecem por aqui, não poderia ser outro. Devemos até a raíz dos cabelos, sem lastro pra pagar. Querem de novo a Gutierrez para acabar c'o restinho. Na avenida funciona uma clínica pra cachorro, mas não pode funcionar uma lanchonete. Um terreno baldio festeja bodas de prata na rua Henrique Andrés. A grana continua saindo para publicidade egocêntrica. No S. Vicente o buraco cresce mais que cogumelo. Na Faculdade reina paz, paz de Varsóvia. O apetite dos médicos faz inveja aos mais renomados aperitivos. A desabusada dicotomia de dentista p/ a dentista. Seu Ibis continua pontificando. Discute-se à boca pequena se a Portuguesa Torta deve cair ou continuar de pé. Se o Solar tem que continuar tombado ou se tombamos o Solar. Se congelamos os impostos para que uns paguem mais e outros menos ou se mandamos às urtigas o contribuinte e a sua grita.

E o povo, desencantado como sempre, de mãos às ilhargas embasbacado, contempla os cataventos girando e filosofa: Esta terra é feita por nós. . . górdios. V/2.



Pau de odara

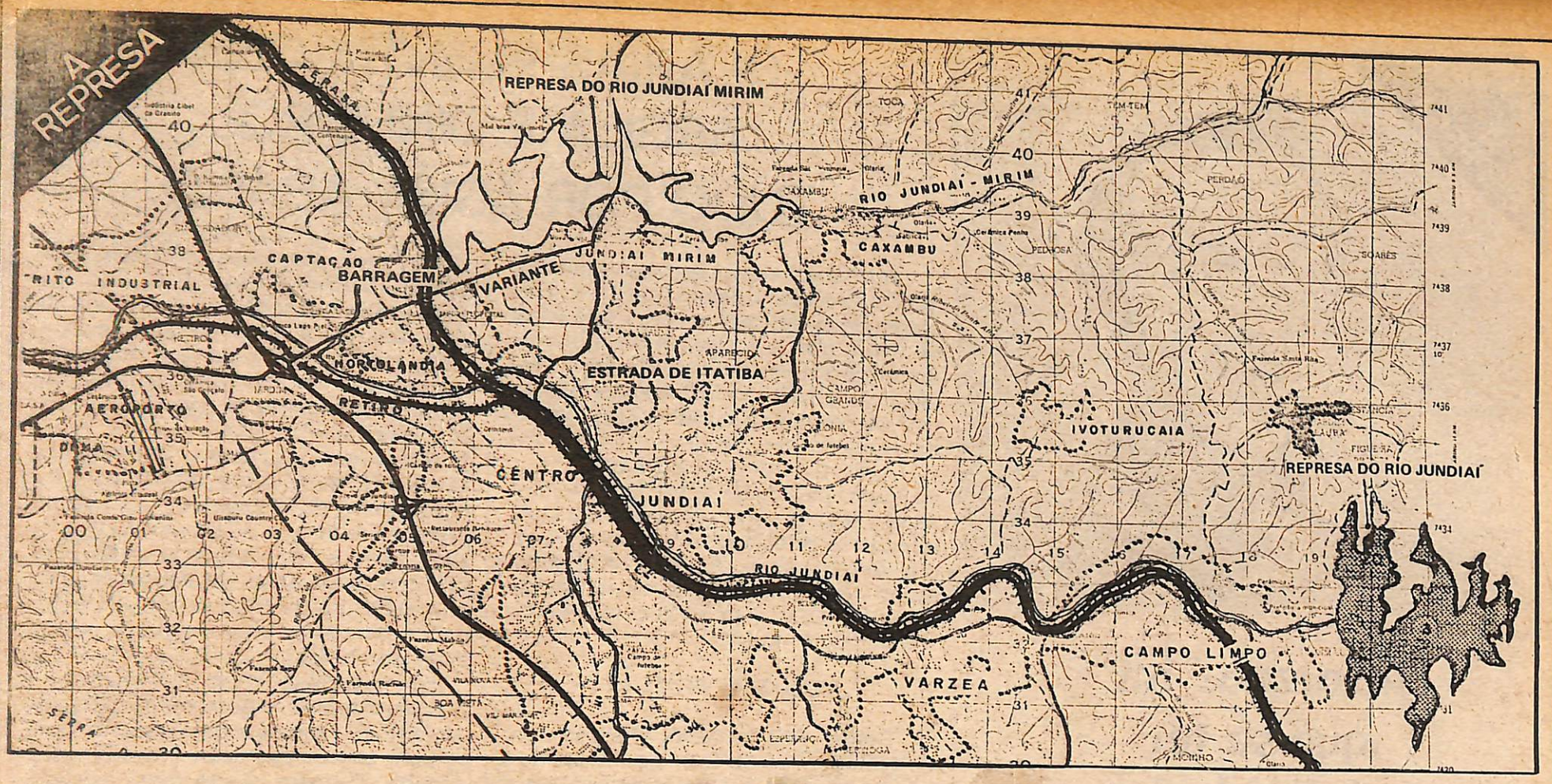
O que eu acho ui ou melhor pensando bem a coisa não está tão preta como querem alguns porque você vê que a inflação começou a cair o que significa que a fase ruim já está passando tá certo que é só para os ui quer dizer uma vez que a economia começa a se firmar traduzindo o acerto das decisões anteriormente tomadas a coisa vai ficando melhor melhor pra todo mundo e não vai demorar muito a gente volta ao tempo em que ui a gente finalmente passa a ter um ordenado que corresponde pelo menos às necessidades básicas que são habitação alimentação educação e lazer apesar de que por enquanto ui nunca a coisa esteve tão ruim como se vê em quase todas as partes do mundo e nesse ponto a gente tem que concordar que ainda se pode trabalhar em paz e saber que a nossa família graças a Deus está unida mas não é só isso que interessa porque se a gente olhar bem nunca nós conseguimos exportar tanto como agora e isso tudo é divisa que está entrando apesar de que a maioria ui e quando um país se firma no mercado internacional ele equilibra a sua balança de pagamentos e assim diminui a dívida externa e recupera a confiança das outras nações muito embora certas notícias que correm lá ui basta ver que hoje em dia nós conversamos de igual pra igual naquelas reuniões importantes e além disso a gente não pode dizer isso sim isso não até aqui tudo bem daqui pra frente não se metam que é assunto nosso e eles são obrigados a concordar porque já foi aquele tempo de navio de fuzileiros ficarem fazendo manobra por aí pensando que esse era o jeito de pressionar a gente ou deixar a gente assustada tá certo que ainda tem um pouco de ui e então ninguém interfere e fim de papo mas mesmo nas coisas nossas se pode notar que aquele mal-estar já está diminuindo e todo mundo já se dispõe a dialogar porque o que não pode é uma minoria ficar aí batendo na mesma tecla isso não conduz a nada o certo é sentar e conversar porque é conversando que a gente se entende e uma coisa ninguém pode negar é que existe a melhor das boas intenções em regularizar a situação até porque não é nossa índole ficar aí brigando quando do que a gente gosta mesmo é de paz amor e samba ou mesmo que naõ seja samba um sonzinho pra gente cantar e dançar apesar de que essa história ui a gente sempre foi um povo alegre e trabalhador e sem rancor a gente chega lá como é o caso daqui onde você já nota que as velhas rixas estão sendo esquecidas porque é bobagem ficar remoendo o passado o que interessa é que o progresso aí está e pra ser franco quem é que não está endividado nos dias de hoje apesar de que a dívida ui é um fenômeno próprio do desenvolvimento e agora sem rancores tudo volta ao normal e a gente até que pode ter um pouco mais de alegria se o nosso futebol se firmar nós somos o maior celeiro de craques do mundo e nossa cidade já merece um time à altura do seu progresso e da sua arrecadação embora ela esteja toda empenhada até ui e se todos se unirem em torno do mesmo ideal a gente chega lá ainda mais com bons representantes nas esferas mais altas ou seja com melhor representação junto aos poderes maiores e diga com franqueza quem não deseja isso para a cidade para o nosso Estado e porque não dizer para a Nação?

Erazê Martinho



EMPRÊSA DE TRANSPORTES
Irmãos Vieira Ltda.
MUDANÇAS LOCAIS E INTERESTADUAIS
Filial – JUNDIAÍ
Rua Senador Fonseca, 1150 – Fone. 434.7507
CAMPINAS – Matriz
SÃO PAULO – Filial
Fones: 31.3403 e 31.4303 - Fones: 227.0419 e 227.0453

ARIEL S.A. IMP. e COM.
REVENDEDOR EXCLUSIVO DE CHAPAS, TUBOS E PEÇAS DE CIMENTO AMIANTO BRASILIT
"EXPERIÊNCIA DE 25 ANOS A SUA DISPOSIÇÃO"
FONES: 434.5434 – 434.5234 – 434.2730
PÇA. DR. DOMINGOS ANASTÁCIO N.o 531



REPRESA, A SOLUÇÃO PARA A ÁGUA QUE JUNDIAÍ NÃO TEM.

A água, para Jundiaí, é um velho problema. Agora muito mais sério, pois a cidade precisa de uma represa e não tem dinheiro.

Por **Carlos Kazuo Inoue**
Fotos: **José Luiz Calcenoni**

Já se vão longe os dias em que Jundiaí era abastecida pelos 25 litros de água por segundo captados na fazenda do Major Mendes Pereira. São mais de setenta anos, ocasião em que apenas uma adutora de 8 polegadas era suficiente para garantir a distribuição na cidade.

E também são igualmente velhos os problemas que esse tipo de serviço acabam apresentando. O primeiro, que remonta de pouco antes de 1907, foi o da instalação de diafragmas na rede domiciliar para evitar o consumo excessivo. Na época, esse foi o motivo detectado para as eventuais faltas de água ocorridas nas partes altas da cidade.

Mas, a medida não foi aceita sem protestos, já que o aumento do consumo estava diretamente ligado com a implantação de uma nova melhoria para a vida urbana: a rede de esgotos. Para resolver esse caso foi contratada a **Valle, Rodrigues & Ramos**, uma empresa de engenharia, para fazer estudos.

Considerando que o consumo variava muito nos 1.500 prédios servidos, os engenheiros eram da opinião que todos deveriam usar a água que fosse preciso para suas necessidades. Então sugeriram a instalação de um aparelho na época moderno, que poucas cidades brasileiras tinham: o hidrômetro, que evitaria os excessos e seria o instrumento do pagamento justo da taxa.

PLANEJAMENTO

Na década de 50, começaram a ser feitos os primeiros planejamentos em abastecimento de água. Jundiaí, em 1958, teve seu primeiro levantamento aerofotogramétrico, medida necessária para esse estudo. No começo da década seguinte, o engenheiro Jair Bernarde conseguiu que a então Diretoria de Águas e Esgotos, que estava subordinada ao DOS – um órgão estadual –, adquirisse independência.

Em 1962, o professor Martins, cumprindo determinações do DOS, fez um amplo projeto que englobava desde a captação até a distribuição da água em Jundiaí. Nessa ocasião, segundo fontes não oficiais, uma das medidas sugeridas por ele foi a reversão do rio Atibaia, despejando 0,5 metros cúbicos no vale do rio Jundiaí Mirim.

Três anos depois, no dia 10 de setembro de 1964, o prefeito Pedro Fávaro teve um encontro com o dr. Nicolino de Lucca. Daí nasceu uma fusão política que possibilitou uma audiência com o governador do Estado. De posse dos planos para o abastecimento de água, preparados durante alguns anos, as obras começaram com a colaboração do DOS e da Caixa Econômica Estadual, fruto da audiência.

O então diretor de Águas e Esgotos, José Pedro Rosell Baldris deu início ao projeto do professor Martins. Seu sucessor, engenheiro Luiz Henrique Horta de Macedo prosseguiu. Assim, acabaram feitas a nova captação no rio Jundiaí Mirim, a construção da adutora para o alto do Anhangabaú; a Estação de Tratamento de Água; e o remanejamento da rede de distribuição.

REVERSÃO

A reversão do rio Atibaia, pedida ainda nessa gestão do prefeito Pedro Fávaro, não foi possível se realizar logo devido ao projeto de regularização do rio Jundiaí Mirim através de uma represa. O DAEE – Departamento de Água e Energia Elétrica – entendeu que isso resolveria o problema de abastecimento, já que daria à cidade 1 metro cúbico por segundo, quantidade pretendida do Atibaia.

Os primeiros estudos levaram à conclusão de que uma pequena represa junto à captação seria insuficiente. Baseados no levantamento aerofotogramétrico, os engenheiros chegaram à conclusão da conveniência para a cidade ter uma represa maior, indo desde a ferrovia até perto do Caxambu, ocupando todo o vale do Jundiaí Mirim nesse setor.

OUTRA REPRESA

A grande seca dos anos de 68 a 69, obrigou o prefeito eleito Walmor Barbosa Martins a solicitar novamente a reversão do Atibaia. Nessas alturas, o DAEE já tinha todos os estudos do aproveitamento dos recursos hídricos do Jundiaí Mirim. Além de considerar a grande represa necessária, uma outra e ainda maior no rio Jundiaí em Campo Limpo mostrou-se imprescindível.

Diante a emergência da situação, o Estado resolveu conceder a permissão para a retirada de 500 litros por segundo do rio Atibaia. Quase pronta durante essa administração, a obra da reversão foi concluída no governo do prefeito Ibis Cruz. No entanto, a capacidade de bombeamento ficou reduzida à metade do total autorizado.

Vários problemas na construção da estação de captação e recalque atrasaram consideravelmente as obras. A construtora que venceu a concorrência propôs a troca do tipo de bomba a ser utilizada, alegando economia para a cidade. Mas não citou que a mudança iria provocar novas instalações.

As bombas substitutas, que foram compradas, tinham eixo horizontal, obrigando os motores a trabalharem ao seu lado ao contrário das antigas, de eixo vertical com o motor na superfície. Como a bomba precisa estar submersa para trabalhar e um motor elétrico não pode ficar em contato com água, foram feitas profundas alterações no projeto para o uso dessas bombas.

Uma ação, movida pela Sanesul, anulou a concorrência da obra, que favoreceu a contratação da outra firma, especializada em obras de esgoto. Funcionando precariamente, a estação de captação e recalque envia à cidade 250 litros de água por segundo, o que garantiu o abastecimento durante a estiagem deste ano. Os 500 litros por segundo só deverão vir no ano que vem, quando for instalada a nova bomba, encomendada pela atual administração.

E o que significarão os 500 litros por segundo? Conforme os estudos feitos pelo novamente responsável pelo DAE – agora Departamento Águas e Esgotos – o engenheiro José Pedro Rosell Baldris, a captação máxima da cidade, na estiagem, será de 830 litros por segundo. Esse é o total com o uso do rio Jundiaí Mirim e das captações menores.

O FIM DA ÁGUA

Para a cidade, essa quantia será suficiente apenas para abastecer a atual população, se for considerada como de 240 mil habitantes. Hoje, apenas 70 por cento das residências são servidas pela rede de água, o que dá uma margem de tolerância. Mas, com as extensões programadas, essa água não será suficiente.

No período das chuvas não existem muitos problemas, entretanto na estiagem a situação é crítica. A represa possibilitaria uma captação permanente do rio Jundiaí Mirim de 1.160 litros por segundo, somando a reversão do rio Atibaia e as captações menores, cerca de 500 mil pessoas poderão ter água.

Em 1970, época em que foi planejada, essa obra custaria Cr$ 40 milhões. Cinco anos depois, seu preço era de Cr$ 100 milhões. Hoje esse valor é uma incógnita temida por várias razões. Parte do terreno inundável é produtivo e, por isso, valorizado. Existem mais de 10 olarias e cerâmicas e o subsolo tem argila e taguá. Desapropriadas essas áreas a cidade terá que pagar o valor venal de tudo.

Com sua arrecadação comprometida por quase 20 anos devido às obras do Sistema Viário, são poucas as possibilidades da população de Jundiaí custear a represa. E essa obra é essencial.

AS SOLUÇÕES PARA SE CONSTRUIR A REPRESA, OS PROBLEMAS QUE ISSO VAI CAUSAR E AS ATIVIDADES ECONÔMICAS QUE SERÃO INUNDADAS ESTÃO NAS PRÓXIMAS TRÊS PÁGINAS.

A REPRESA



Panizza: criatividade.

Panizza: "há que se ter criatividade."

A construção da represa do rio Jundiaí Mirim, para o coordenador de Planejamento da Prefeitura, Antonio Fernandes Panizza, é inevitável. De onde sairão os recursos financeiros, a forma de obtê-los e como será feita são questões ainda sem resposta, havendo apenas uma única certeza: a cidade precisa dela.

Panizza falou da necessidade em se adotar estratégias de planejamento para evitar "esse rítmo tão acentuado de abastecimento", já que a cidade está implantada em área de cabeceira de rios. Isso significa cursos de água pouco volumosos. Em consequência, uma limitada disponibilidade de recursos hídricos.

Segundo ele, Jundiaí tem um crescimento populacional da ordem de 6% ao ano. Com isso, a cidade poderá chegar aos 500 mil habitantes dentro de um prazo de 8 a 15 anos. Mesmo com a represa do rio Jundiaí Mirim, quando esse número de habitantes for atingido, a cidade terá esgotado sua capacidade de captação de água.

Por isso, Panizza não considerou uma alternativa a construção da represa do rio Jundiaí, em Campo Limpo, conforme foi apresentado pelo superintendente do DAE — José Pedro Rosell Baldris. Mas sim um outro passo a ser dado para garantir o abastecimento da cidade no futuro.

A represa do rio Jundiaí Mirim está merecendo cuidadosos estudos por parte da Coordenadoria do Planejamento, que está reformulando o Plano Diretor Físico e Territorial do Município. Com isso, será possível decretar toda a área a ser inundada no vale desse rio como sendo de preservação.

Mas essas providências, conforme ele falou, são lentas. A sugestão de declarar a área como sendo de utilidade pública, para Panizza traz desvantagens. Em cinco anos, o decreto perde a validade, o que não acontece se estiver enquadrada como parte da setorização de Jundiaí.

Com isso, é possível fazer as desapropriações paulatinamente, sem o perigo de findar os cinco anos em que vigora o decreto de utilidade pública. Como área de preservação, o vale do rio Jundiaí Mirim estará sujeito a uma legislação que controla totalmente seu desenvolvimento.

Assim, não poderão se instalar indústrias poluidoras, loteamentos de densidade demográfica alta e também a destruição vegetal desmedida. Com o projeto definido da represa, isso se torna muito mais rigoroso, pois existem normas específicas para as áreas que circundam os mananciais de água das cidades.

Logo que for determinado a cota de inundação, calculado anteriormente na cota 720, havendo possibilidade de ser baixada um metro, num espaço de 100 metros ao redor da represa praticamente nada poderá ser construído. Até 600 metros depois, serão permitidos loteamentos de no mínimo 5 mil metros quadrados por unidade, com as respectivas fossas sanitárias. Além dessa distância a área mínima das construções será de 450 metros quadrados, com emissários de esgotos. Essas medidas são adotadas pela CETESB para evitar a poluição.

Com o vertiginoso crescimento populacional da cidade, é preciso que o vale do Jundiaí Mirim não acabe sendo invadido ou prejudicado. Razão de emergência em apressar essas medidas para que Jundiaí comece a construir logo a sua tão necessária represa. Dinheiro para as obras e desapropriações hoje, não existe. Por isso Panizza afirmou:

— Há que se ter uma boa dose de criatividade em cima disso.

OLARIAS, PLANTAÇÕES, ARGILA E DINHEIRO: TUDO POR ÁGUA ABAIXO.

Ao longo dos quatro quilômetros que a represa deverá ter, existem olarias e cerâmicas, hortas, plantações de uva e outras frutas. Tudo isso mais um trecho da estrada de Itatiba, deverão ficar debaixo de 27 milhões de metros cúbicos de água, numa profundidade média de sete metros.

A Fruticultura "Nova Flórida" é o exemplo clássico da situação de toda a região, pois se dedica à agricultura e cerâmica, as principais atividades da área que será inundada. Lá, não estão encarando a construção da represa com uma atitude que se poderia chamar de otimista. Pelo contrário.

MUDAS E FRUTAS

Desde 1949, a "Nova Flórida" vem se dedicando ao cultivo de mudas frutíferas em geral e plantas ornamentais — estas, em menor escala. A atividade foi iniciada por Edson Toledo, já falecido, que introduziu na cidade a produção de mudas para distribuição aos agricultores.

Nos 52 hectares que ficam entre a variante que liga a estrada de Itatiba com a via Anhanguera e o rio Jundiaí Mirim, são cultivadas mudas de citros e frutas de clima temperado, como pêssego, ameixa, caqui, figo, uva, noz, maçã e pera, entre outras. Além das mudas, algumas dessas frutas são produzidas na propriedade.

OLARIAS E CERÂMICAS

Nessa área também está a olaria e cerâmica "Jotamó", que faz lajes préfabricadas, vigas e tijolos desde 1969. Nas terras baixas, mais úmidas, quatro famílias japonesas cultivam hortaliças, como meeiras dos proprietários. Dessa maneira, as atividades diversificadas usam totalmente o solo.

O setor das mudas frutíferas será quase inteiramente inundada, pois fica abaixo da cota 720. Do outro lado da variante, fica a outra parte da propriedade, mas sua terra não se presta para o preparo das mudas. Assim, a fruticultura terá de encerrar o trabalho em que foi pioneira em Jundiaí.

Os planos da represa, assim que ficarem prontos, serão estudados pelo proprietário da "Nova Flórida" porque existem mudas que precisam de três anos para serem comercializadas. Então, três anos antes da desapropriação será preciso estar tudo definido, sob pena de aumentar ainda mais os custos dessa operação.

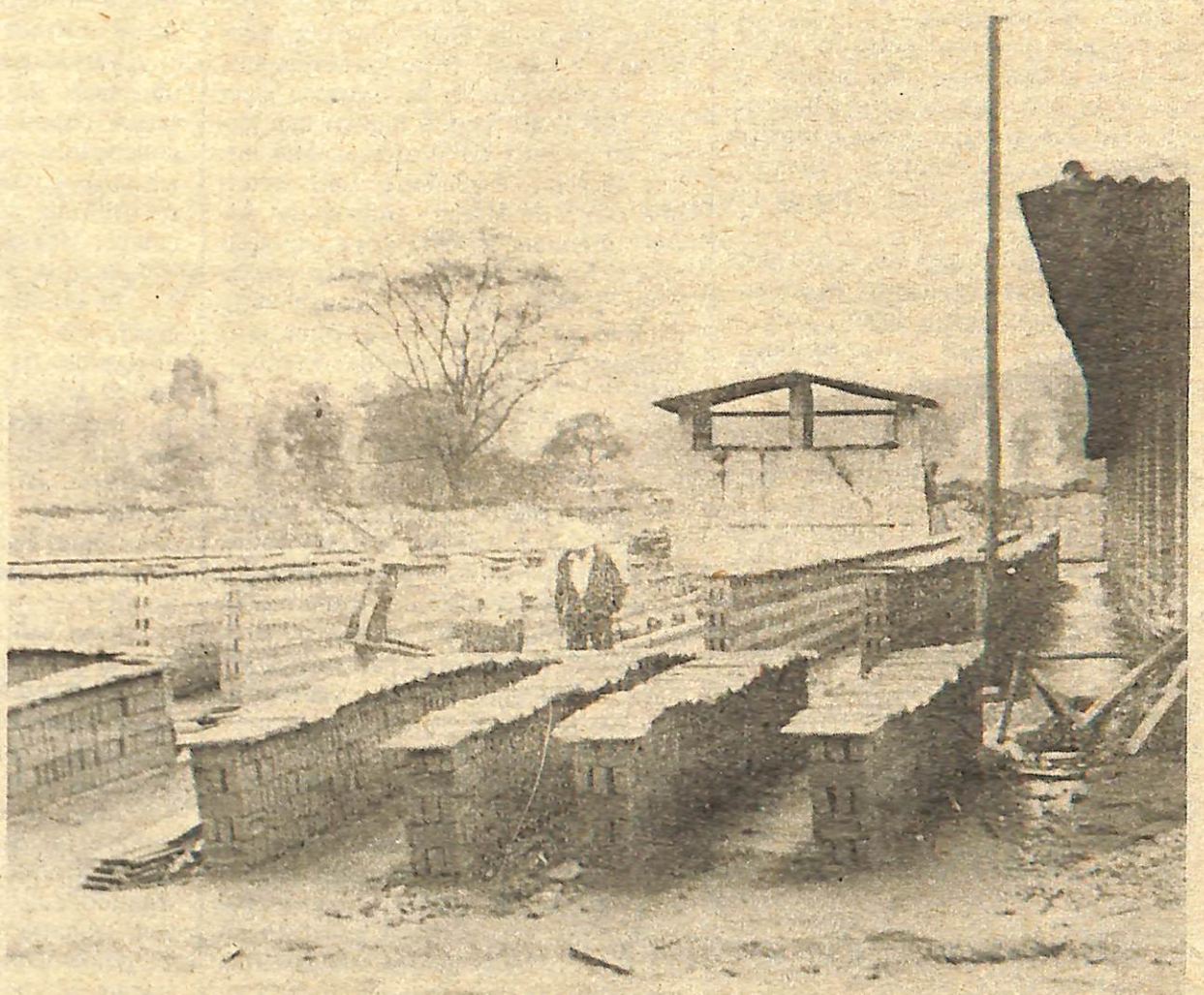
De qualquer forma, a Prefeitura — ou quem for se responsabilizar pelo pagamento — terá que pagar um alto preço pela paralisação dessa atividade econômica. Durante o ano todo, existem aproximadamente 200 mil mudas sendo cultivadas na fruticultura. Uma muda de uva, por exemplo, neste ano custou de 8 a 10 cruzeiros.

Essas mudas, no entanto, não são as mais caras, pois são tratadas um ano apenas, sendo vendidas depois. Aquelas que demoram três anos para ficarem prontas são mais dispendiosas. Isso, sem contar as árvores frutíferas que produzem. Todos esses prejuízos, segundo a legislação, devem ser ressarcidos.

ARGILA E TAGUÁ

A olaria e cerâmica também terão que ser pagas, pois elas produzem e dão lucro. Assim como as jazidas de argila e taguá, usados como matéria-prima. Da mesma forma, deverá ser calculado o valor das terras usadas para a horticultura para o pagamento na desapropriação. Tudo isso, sem contar as demais

Continua na página seguinte.



Esta olaria, como muitas outras, ficará debaixo da água.

OLARIAS, PLANTAÇÕES, ARGILA...

Continuação da página anterior.

instalações da "Nova Flórida".

Além do problema econômico gerado pelo alto custo de desapropriação, existe o fato de utilização de mão-de-obra local que ficará sem ter onde trabalhar. Não existem cálculos ainda, mas se pode prever uma grande quantidade de desempregados em toda essa região, pois serão muitas as olarias, cerâmicas e sítios que serão paralisados. E para onde irá toda essa gente?

OUTRO LUGAR

Para a "Nova Flórida", o vale do Jundiaí Mirim é um dos últimos locais perto da cidade que mais se presta a horticultura, fruticultura e às olarias. Por isso, considera os 42 alqueires nas proximidades da estação de recalque de Jundiaí Mirim mais apropriados para a represa.

Também acha que se a barragem fosse feita acima do Caxambu, a cidade só teria a ganhar. A "Nova Flórida" alega que as terras naquela região são muito mais baratas. Essa economia poderia ser usada na compra da tubulação necessária até a cidade e não iria interferir tanto. Mas foram os levantamentos aerofotogramétricos que deram a palavra final na escolha da área.

Tanto é assim que uma barragem de pouco mais de 500 metros de comprimento por 16 metros de altura será suficiente para represar os 27 milhões de metros cúbicos de água. Mas, agora, deve ser levada em conta a complexidade dessa desapropriação, pois são muito poucos aqueles capazes de se sentirem prejudicados e calarem.

OBRA INUNDADA

Menos sorte teve Paulino Nivoloni, também proprietário de olaria. Há menos de um ano ele iniciou a construção de dois grandes galpões para a ampliação de sua olaria, no Horto Florestal. Na época, ele foi advertido pelo arquiteto Antonio Fernandes Panizza, hoje o coordenador de Planejamento da Prefeitura, da possibilidade da construção da represa.

Desprezando o aviso, Nivoloni investiu — conforme fontes oficiosas — Cr$ 4.200.000,00, acreditando que a elevação em que iria fazer os galpões não seria atingido pela água. Inclusive, chegou a comprar terras vizinhas para a construção de uma nova estrada de acesso à olaria. Mas, tudo aquilo está abaixo da cota 720.

PRESERVAÇÃO

Visando evitar esse tipo de situação, o superintendente do DAE, José Pedro Rosell Baldris, sugeriu ao prefeito uma série de medidas necessárias para a construção da represa e para preservar o manancial.

Baldris pediu a restrição total da instalação de novas indústrias que originem qualquer tipo de poluição ou que possibilitem o surgimento de agrupamentos humanos muito grandes. Além disso, ele quer a proibição de ampliação das indústrias existentes e aplicação da legislação sobre os despejos industriais poluentes. Castigo: até cassação do alvará de funcionamento nos casos de reincidência.

Para ele, será preciso impedir novos loteamentos urbanos, permitindo apenas os rurais para não aumentar a densidade demográfica em escala perigosa para a manutenção do rio Jundiaí Mirim. E mais a criação de um órgão fiscalizador para controle do meio ambiente e da utilização da área, usando a legislação específica dos locais de preservação.

Mais sorte do que Nivoloni teve Tobias Muzaiel, que ia construir a sua nova antena em área inundável, tendo inclusive iniciado a obra. A atual administração entrou em acordo com o empresário que mudou de local, evitando maiores dispêndios monetários por ocasião da desapropriação.

FÁBRICA

Por sua vez, a Melbrás terá parte de seu terreno submerso, mas como já está instalada há alguns anos, deverá ser estudado com muito cuidado o seu caso. O seu primeiro pavimento está quase exatamente na cota 720. Se houver um abaixamento da cota, vai melhorar sua situação.

A presença da Melbrás, praticamente sobre as águas da represa, segundo Panizza, não deverá causar muitos problemas, já que essa indústria pode ser considerada um modelo no controle da poluição. Seus equipamentos para isso são perfeitamente adequados, não causando nem problemas com emissão de esgotos, lançados numa fossa.

ALVARÁ DE LAVRA

Um aspecto que Panizza considera ainda cedo para interferir, é com relação ao alvará de lavra de argila e taguá, atualmente em posse de Pedro Herrerias, o dono da cerâmica Inca. Esse problema, que Baldris incluiu na série de sugestões enviadas ao prefeito, poderá assumir grandes proporções.

O alvará de Herrerias, na região do vale do Jundiaí Mirim, abrange cerca de mil hectares, ou seja, 10 milhões de metros quadrados. Essa área abrange terras de outros proprietários, que são obrigados legalmente a deixar que ele explore o subsolo, já que eles são donos apenas da superfície.

Segundo o advogado e contador de Herrerias, Antonio Fernandes Farias recém chegado de Brasília, já ofereceram Cr$ 25 milhões pela posse desse alvará, mas a proposta foi recusada. Atualmente, está sendo concluída a pesquisa nesses terrenos para a determinação do tamanho das jazidas e seu valor.

Ao todo, são 34 propriedades diferentes. A Fruticultura "Nova Flórida", apesar de estar incluída, tem uma ação na Justiça para impedir que aconteça a exploração de sua lavra por Herrerias. Mas existem outras olarias menores que, inevitavelmente, terão de abrir suas portas para ele.

O CASO "TRÊS RIOS"

O advogado Farias comentou a respeito de desapropriações de jazidas de argila. Há algum tempo ele foi chamado a Três Rios, no Rio de Janeiro, para dar instruções num caso desses. Construída a estrada sobre a jazida, o proprietário ia receber 900 cruzeiros. Contestada a quantia e feita a avaliação, o Governo Federal teve que pagar Cr$ 1 milhão.

O que se pode esperar, então, do valor de mil hectares de jazida de argila que pode ter vários metros de espessura? No caso de Três Rios, a desapropriação foi de apenas uma faixa para a estrada, mais os 50 metros de ambos os lados, e custou uma quantia considerável.

Para Farias, quem tem um alvará desse genero, que pode ser conseguido no INPM desde que o subsolo ainda não tenha sido requerido por ninguém, "está montado no dinheiro". E seu cliente tem uma grande área que deverá ser inundada pela represa.

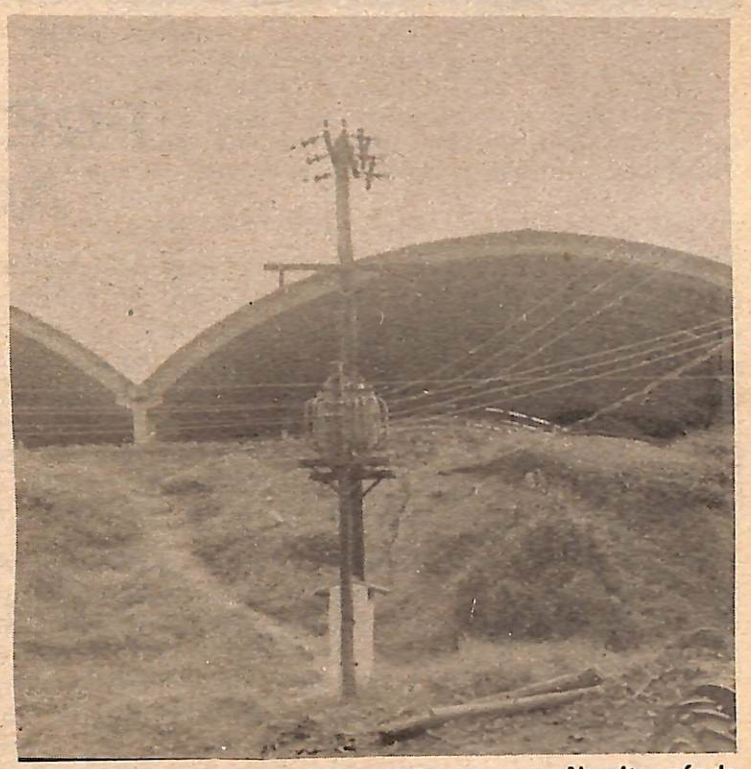
ACORDO

Entretanto, o advogado também falou que tudo depende de acordo. Se o prefeito for habilidoso, poderá conseguir o que for preciso para a represa sem gastar em demasia. Algo assim como "ajeitando, o prefeito pode gastar metade do que gastaria se fosse por meios judiciais".

Farias, que diz ter muito relacionamento em Brasília, afirmou que a represa é "uma grande obra", mas o prefeito só poderá construí-la se souber se conduzir bem nas altas esferas do Governo Federal. Mesmo porque na cidade, ao que parece, nunca haverá dinheiro suficiente para pagar todas as desapropriações.

Para uma cidade como Jundiaí, a descoberta desse alvará de lavra é um desastre. Além de serem paupérrimos os seus recursos, já comprometidos, terá de pagar pelo subsolo para construir a represa que irá definir de que tipo será seu futuro. Aliás, não há dinheiro nem para pagar as desapropriações do que está sobre o solo.





No alto, pés de nectarina da Fruticultura "Nova Flórida", na área que deverá ser inundada pela represa. Acima, os galpões que Paulino Nivoloni mandou construir. Apesar de ficar sobre uma elevação, está abaixo da cota 720. Isto é, o nível da água da represa vai atingir a construção. E ele foi avisado dos planos para a represa. Agora, quem terá de pagar seu prejuízo será a cidade.







POUCOS PREJUÍZOS PARA A AGRICULTURA

A inundação de toda aquela área cultivada no vale do Jundiaí Mirim não vai trazer alguma consequência para a agricultura na cidade? O agrônomo da Casa da Agricultura, Fortunato Garcia Braga, afirma que não. E acrescenta que é o local onde menos vai prejudicar essa atividade.

Segundo ele, a produção de hortaliças não é muito significativa, nem de uva niágara e branca, que existem em pequena escala. Segundo ele, essa é a área menos cultivada da cidade, fazendo parte do setor agrícola B, onde existem perto de 50 hectares cultivados com alface, morango, couve-flor, repolho, vagem e cenoura.

Mas isso não significa que os prejuízos deixem de ser significativos. Não para os horticultores, que trabalham com culturas anuais:

— Os horticultores arrendam as terras para trabalhar. E não montam nenhuma infraestrutura, apenas umas casas de sapé, um negócio bem temporário. Se for preciso eles saírem, não vão perder nada, porque a terra geralmente não é deles e a colheita é feita a cada três ou quatro meses. Na cidade ainda existem muitas áreas de baixada que podem ser cultivadas. Então será preciso apenas que eles mudem de lugar.

Mas não é esse o caso dos viticultores ou daqueles que tem outras árvores frutíferas perenes. No setor B, há 2,5 milhões de pés de uva, ocupando uma área de 670 hectares. Parte disso será inundada pela represa, obrigando os proprietários a se mudar, pois normalmente o agricultor desse gênero é dono da terra.

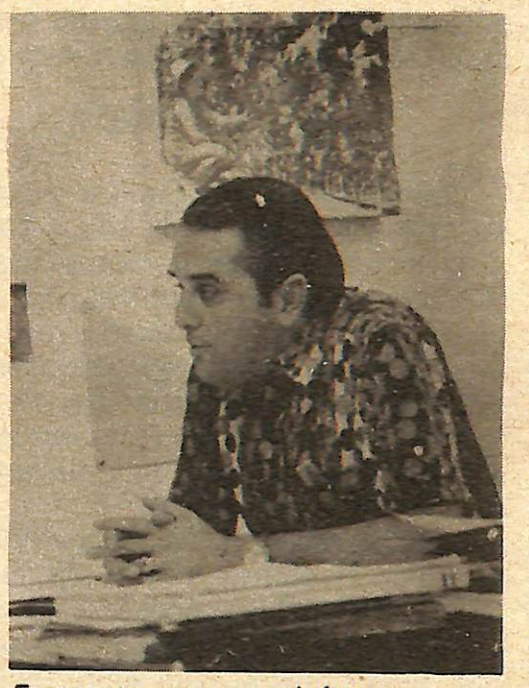
Segundo Fortunato, o produtor de uva monta toda uma infraestrutura permanente, para um tipo de vida sedentário. Isto porque um pé de uva dura cerca de 15 anos. Então, casas de tijolos são construídas e introduz-se todos os melhoramentos para facilitar a fixação do homem na sua propriedade.

A desapropriação, por isso, será cara. O terreno custa atualmente de 400 a 500 mil cruzeiros o alqueire, sendo até 50% mais barato se for em locais baixos. Mais: um pé de uva de cinco anos custa 80 cruzeiros agora, estando computados o custo de formação, valor de produção e lucro cessante.

Fortunato é um entusiasta da represa no vale do Jundiaí Mirim, mas diz que os agricultores desapropriados devem ser pagos com a quantia por que venderiam suas terras. Caso isso não aconteça, muitos problemas irão se abater sobre eles, que não poderão comprar uma área semelhante em outro lugar.

O agrônomo diz que será preciso tomar várias providências para a preservação da represa. Uma das mais importantes será a manutenção de vegetação em toda sua volta. Onde não houve mata original, será preciso plantar. Esses cuidados são necessários para haver controle da erosão.

Nos lugares onde não há vegetação, as águas pluviais carregam grande quantidade de terra e sujeira para as baixadas. No caso da represa, ela acabaria recebendo detritos de todos os lugares mais altos. Com isso, a água a ser usada no abastecimento da cidade poderia ficar comprometida.



Fortunato: poucos prejuízos.

nossa opinião

Se represa rendesse votos...

A necessidade da represa para garantir o abastecimento de água na cidade foi detectada há mais de dez anos. Durante a gestão anterior do prefeito Pedro Fávaro, foi feita uma tentativa de construí-la, mas o projeto acabou enfiado em alguma gaveta ou na inconsciência dos administradores que o sucederam.

Pedro Fávaro voltou à Prefeitura. O engenheiro José Pedro Rosell Baldriz voltou a dirigir o Departamento de Águas e Esgotos. Igualmente, voltou o projeto da represa. Por que algo essencial para o futuro da cidade teve que ficar ao sabor dos gostos dos políticos que administravam a cidade?

Na verdade, existem interesses coletivos muito mais altos do que as idiossincrasias dos políticos, mas eles dificilmente se convencem disto. Na administração passada, quantos não foram os vereadores que vestiram a camisa do "milagre jundiaiense" provocado pelo então prefeito Ibis Cruz?

Não se pode negar a importância de um sistema viário cuidadosamente planejado para a Jundiaí do ano 2.000. Por outro lado, a Jundiaí de 1980, que vai precisar de água, foi esquecida. Não que faltassem os alertas para o problema da represa. E quem alegar a falta de memória por ocasião da elaboração do projeto pode ser chamado de mentiroso.

E também não devem merecer muita atenção aqueles que defenderam o projeto do prefeito Ibis para a construção da represa menor, vizinha à estação de recalque de Jundiaí Mirim. Esta solução, como já foi provado tecnicamente, não resolveria a escassez de água. Inclusive, a represa do rio Jundiaí em Campo Limpo, como disse o coordenador de Planejamento, Antonio Fernandes Panizza, tem que ser estudada como um próximo passo e não como alternativa.

Chorar sobre a falta de dinheiro é muito fácil. Mas como se pode entender certas prioridades governamentais como a grande atenção para solucionar, por exemplo, os transportes urbanos quando em futuro próximo a água que temos não será suficiente para todas as torneiras?

Não se pode colocar a culpa, nesse caso, na atual administração. A corrida em busca dos fundos da EBTU não foi provocada por ela, que apenas entrou na imensa fila dos municípios falidos que precisam de recursos para o término de suas obras viárias.

Agora, para se construir a represa do rio Jundiaí Mirim será preciso muito dinheiro. Panizza diz que não sabe a forma de conseguí-lo, Baldris fala que a cidade terá de pagar o quanto ela custar. É triste, mas verdadeiro.

E o quadro fica ainda mais lamentável se for considerado o fato de que se a represa tivesse sido construída assim que foi planejada, custaria bem menos do que a cidade emprestou para fazer suas avenidas.



Zillo: "é segredo".



Duílio: "sem paixões".

OS VEREADORES, NA SILENCIOSA CAÇA ÀS MORDOMIAS.

Um dia por semana, das oito às dez da noite, cinco vereadores se reunem para examinar notas fiscais, analisar contas e separar o que consideram suspeito: é a CEI das mordomias, criada há três meses na Câmara Municipal, a pedido do líder do MDB, Tarcísio Germano de Lemos, para apurar gastos exagerados na gestão passada, tanto da Câmara quanto da Prefeitura.

O presidente da CEI é o líder arenista Élio Zillo, para quem tudo tem que ser mantido em absoluto sigilo. "Desde a primeira reunião da comissão, nós decidimos que qualquer informação seria divulgada somente após o fim dos trabalhos. Por isso, lamento muito mas nada posso informar".

A única coisa que Zillo se dispõe a informar é que a comissão já fez 15 reuniões, até agora, e que o prazo da CEI está prestes a se esgotar. Ele diz que vai pedir uma prorrogação do prazo. Mesmo porque, por enquanto, os cinco vereadores da comissão (além de Zillo, Duílio Buzanelli e Lázaro Oliveira Dorta, da Arena, e Ariovaldo Alves e Lázaro Rosa, do MDB) só examinaram contas da Câmara Municipal. Ainda nem requisitaram o material da Prefeitura, que, ao que se sabe, é bem mais substancial — pelo menos no que diz respeito a gastos supérfluos.

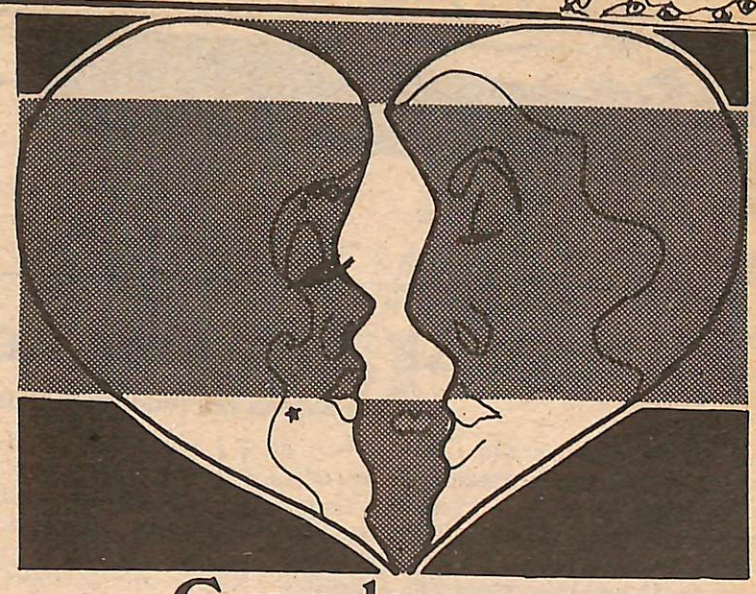
Duílio Buzanelli, um dos membros da CEI, informa que se pretende contratar um perito contábil para fazer a análise das notas consideradas de **mordomia**. Depois de concluída a análise, o perito dará seu parecer, e a Comissão encaminhará o resultado a quem de direito: ou ao arquivo, ou à Justiça.

"Foram sugeridos cinco nomes de técnicos de reputação indiscutível, diz Duílio Buzanelli. "O escolhido fará o levantamento da situação, sem paixões, adotando critérios absolutamente profissionais. A partir daí, a Comissão terá oito dias para ouvir depoimentos dos envolvidos. E depois encaminhará o resultado à autoridade competente, ou requererá o arquivamento, tudo dependendo dos depoimentos", conclui Buzanelli. Ele prevê a conclusão dos trabalhos para outubro mais ou menos.

Segundo se comenta, três dos técnicos indicados para a perícia são Antônio Maran, Marino Mazzei e Ademar dos Santos, que são contabilistas e têm grande experiência em assessoria técnica.

Lázaro Oliveira Dorta, outro membro da comissão, diz que os membros da CEI "estão separando todas as notas que consideram duvidosas, como por exemplo as que têm valor exagerado em relação ao tipo de serviço prestado ou despesa. Até o momento fizemos pouca coisa, mas já deu para sentir que existem irregularidades, apesar de não se poder afirmar isso categoricamente". Lázaro, que considera a CEI "um verdadeiro abacaxi" gostaria de vê-la concluída logo, por isso sugere que ela se reúna mais vezes por semana, "para fazer o levantamento a acabar com o assunto". Lázaro diz que o fato de Élio Zillo ter sido vereador na gestão não altera muito as coisas, "porque ele falou que vai apurar tudo direitinho, doa a quem doer".

Já Ariovaldo Alves, um dos emedebistas da comissão, é um pouco cético em relação aos resultados. Diz que é tudo muito difícil de apurar, de provar. "Talvez com a contratação de peritos, os trabalhos possam andar melhor. Eles são especialistas. De qualquer forma. não acredito muito nos resultados".



Grande amor
(pano rápido)

O romance começou na mesa do bar. Chopinho, alguns afagos, carinhos.

Ele disse: "Temos muita coisa a nos dizer"

Ela disse: "É, a gente tem. . .".

Ele disse: "Estou à procura de uma experiência existencial que me proporcione alternativas para um tipo de vida que não corresponde aos meus verdadeiros anseios intelectuais".

Ela disse: "Legal. . .".

Ele disse: "Por exemplo, veja o caso da música. Quando ouço a protofonia do "Guarani", sinto que a musicalidade de Carlos Gomes não foi potencializada com toda a expressividade do vigor a que ele se propunha. Já em Debussy eu sinto que a harmonia e a melodia só encontram expressão nos semi-tons, e é isso que faz com que sua música se torne um misto de impulsividade lúbrica e romantismo intrínseco. Você não acha?

Ela disse: "Me amarro no Carlos. . . Curto música indígena, tá sabendo?"

Ele disse: "E no caso do cinema, por exemplo. Acho todas as discussões estéticas em torno de Godard ociosas. Godard é o que é, todo mundo sabe, e Truffaut colocou isso muito bem no n.o 98 do "Cahiers do Cinema", por causa do uso exagerado que ele fazia dos contra-planos, apoiando-se na estética expressionista de Fritz Lang. A colocação política dele vai muito além do radicalismo do movimento Baader-Meinhoff. Inclusive as colocações dele estão mais próximas do anarquismo de Cohen-Bendit do que do estruturalismo de Levi-Strauss.".

Ela disse: "Levis eu acho uma boa, Strauss é careta, não curto valsa. . .".

Ele disse: "Na literatura, existem várias opções. Mas acho que ninguém conseguiu colocar tão bem a função do sintagma e do paradigma como Roland Barthes. Você veja que, embora ele tenha colocado por terra as concepções de Adorno, muitas das posições dele coincidem com as teses de Todorov, principalmente quanto à questão das estruturas narrativas. Acho também que a função social da literatura não pode ser simplesmente super-valorizada em detrimento da linguagem como um fim em si mesmo. O que você acha?".

Ela disse. "Super. . .".

Ele disse: "É, e tem muita gente que fica por aí discutindo política sem saber o que diz. Agora, por exemplo, estão falando muito em pluripartidarismo, em poder moderador, estudam meios de cercear o arbítrio dentro de limites jurídicos bem definidos, etc. Acho tudo um grande papo furado. Seria preciso que os nossos homens públicos, antes de mais nada, lessem "O Príncipe", de Maquiavel. Depois, poderiam passar por Spinoza, deterem-se um pouco sobre Gramsci, e absorver os conceitos hegelianos. Sem isso não pode existir uma formação política sólida, e sem formação política sólida não existe, nem pode existir um poder político forte e determinante. Não é essa também a tua opinião?".

Ela disse: "Política é um barato, ô meu. . . Vovô é que curtia um tal de Uóxto Luís. . . era paradão no Uóxto. . .

Um grande amor ficou ali mesmo na mesa do bar, à deriva. Incompatibilidade de gênios.

Sandro Vaia

JUNDIAÍ CLÍNICAS

Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 434.1067 — 434.1777

UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 436.3260 — 436.6704

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434 - 3998

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434.3998

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA
Praça Rotatória, s/n.o - Jad. Messina
Fones: 434.1056 — 434.1666

Pirâmide



Instrumentos e Materiais Técnicos: Topografia e Desenho. Linhas e Lãs

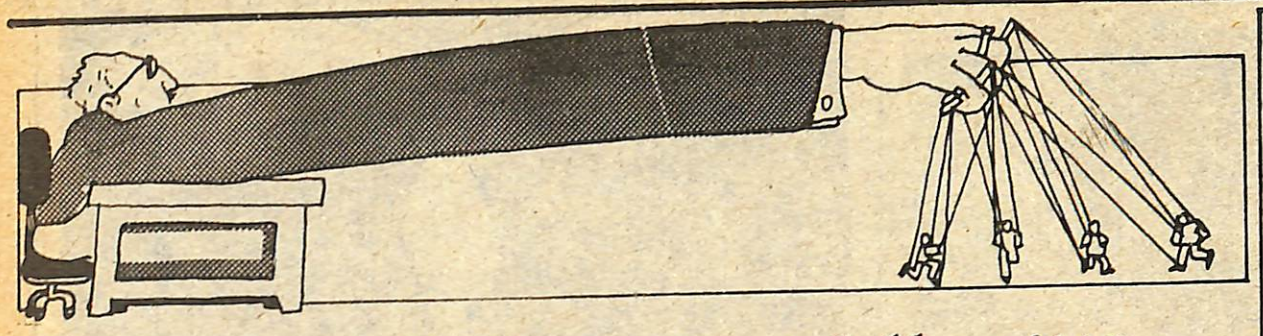
Rua Rangel Pestana, 574
Fone, 434.8344 — Jundiaí

FOTOCOPIADORA
MALTONI



TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE

Rosário, 618 — Tel. 436 - 8460



Largo al factotum della cittâ

(Abram alas ao faz tudo da cidade)

Imobilismo, precaução, falta de visão administrativa ou apenas mentalidade centralizadora? Até o momento, nem mesmo os mais chegados assessores do prefeito Pedro Fávaro sabem explicar o que está acontecendo na Prefeitura. O que se vê é um panorama desolador, que deixa claro que a centralização de todas as atividades em apenas dois elementos – o prefeito e seu secretário de Negócios Internos e Jurídicos, René Ferrari – ainda poderá trazer sérios incovenientes para Jundiaí.

Pedro Fávaro, a exemplo do que fazia há quase dez anos passados, quando foi prefeito, tenta adicionar todos os problemas municipais no seu gabinete. Para se ter uma idéia, basta dizer que os secretários precisam do aval do prefeito e de seu ajudante de ordens até para contratar serviçais.

Com um orgulho anacrônico, o prefeito se gaba de que seu gabinete funciona com apenas cinco pessoas: ele, os dois filhos, René Ferrari e um contínuo. Sem dúvida, um gabinete bastante heterogêneo. Consequentemente, a Prefeitura passa por momentos de terrível dificuldade, já que não possui agilidade e nem condições materiais e humanas para tratar os problemas com a presteza que requerem.

A Coordenadoria do Planejamento, de fundamental importância para o desenvolvimento da cidade, apenas agora, com quase oito meses de mandato, está fazendo um concurso para preencher as vagas de técnicos de agrimensura, topografia, desenhistas, entre outras. Ninguém sabe explicar porque essa medida não foi tomada há mais tempo. Sabe-se no entanto, que com a saída da Sotaffe do planejamento da cidade, a Coordenadoria teria que ser imediatamente reestruturada, para poder suportar os encargos técnicos que de uma hora para outra cairam sobre seus ombros.

Mas o problema não pára aí: na Secretaria de Serviços Públicos praticamente não existem funcionários. Com isso, as operações "tapa buracos" e de desentupimento de galerias (a época das chuvas vem chegando), vão sendo feitas em ritmo de Operação Tartaruga. Na Secretaria de Saúde e Higiene a situação não é menos caótica: ela possui apenas três funcionários, incluindo o secretário. O coordenador de saúde pública demitiu-se há quase dois meses e ainda não foi substituído.

Se a escolha e contratação de elementos do escalão superior demora tanto, a exemplo do que ocorreu com a escolha do novo diretor da Faculdade de Medicina, é fácil de se imaginar como são contratados os funcionários menos qualificados.

A falta de mão de obra nas Secretarias é tão alarmante que chega a assustar os próprios secretários. O que Pedro Fávaro deve ter se esquecido é que muita coisa mudou desde que foi prefeito nos idos anos 60. Muita água já passou por baixo da ponte. Hoje Jundiaí é uma cidade que cresce aceleradamente, seus problemas se multiplicam a cada hora e não pode ficar à mercê de uma administração centralizadora.

A explicação de seus assessores é de que com o tempo tudo chegará aos seus devidos lugares. Alegam ainda que é preciso cautela para não ocorrer o excesso de empregos que existia em tempos passados. Até certo ponto as explicações são válidas, já que empreguismo não é solução. Mas também não é solução manter a máquina administrativa da Prefeitura emperrada pela falta de pessoal para movimentá-la, sobrecarregando os poucos funcionários em atividade.

Lamentavelmente, enquanto que nas cidades vizinhas nota-se que os prefeitos procuram descentralizar os trabalhos, já que comprovadamente isso facilita o desempenho geral, em Jundiaí ocorre exatamente o contrário: uma centralização perniciosa, egoística e que, se de um lado beneficia apenas a imagem de uma ou duas pessoas, sempre as responsáveis por tudo, o que se faz, por outro lado enterra a cidade no emaranhado de pequenos problemas, que absolutamente não deveriam ser resolvidos pelo prefeito, mas pelos seus assessores diretos, que ocupam cargos de confiança. Pedro Fávaro seria por acaso um super-prefeito? Afinal, os seus assessores diretos são de confiança ou não? Se são confiáveis, como explicar a falta de autonomia que atinge o seu secretariado atualmente? (S.H.)

ARACELLI? CLÁUDIA? CALA A BOCA!

I

Leio as reportagens de Fausto Macedo (enviado especial do Jornal da Tarde a Vitória, ES) sobre o caso Aracelli e fico impressionado: desde o dia do crime (18/5/1973), o tráfico de influência reina na capital capixaba. Além de Aracelli, várias pessoas que sabiam detalhes importantes sobre o caso morreram – uma delas dentro da prisão.

Uma vergonha. Anos antes de morrer, o renomado perito carioca Carlos Éboli já chegara à conclusão de que o crime fora praticado por "pessoas inteligentes". Aracelli Cabrera Crespo, 9 anos, foi drogada e viciada. E, aparentemente, as coisas continuam difíceis em Vitória. O poder da influência – ou do vil metal, como preferirem -- continua muito forte.

Dentro desse quadro todo, que os leitores certamente acompanham pelos jornais, tornando uma abordagem nessa coluna minuciosa desnecessária, limito-me a fazer uma pequena recordação: tudo isso aconteceu quando agia no Espírito Santo um grupo de bandidos que usava o manto do "esquadrão da morte" para encobrir suas nefastas atividades. Tal como seus coleguinhas do Rio, São Paulo e Bahia, os matadores do esquadrão capixaba eram todos corruptos. Fizeram 22 vítimas, todas elas ladrões de automóveis. Profilaxia social? Absolutamente! Fuzilavam os ladrões e ficavam com os carros roubados, que eram revendidos por bom preço. . .

Também é oportuno recordar que, de acordo com as denúncias formuladas e processos em andamento, o próprio corregedor da Polícia – pasmem! – fazia parte desse "heróico" esquadrão. Sem contar que este ser possuia, ainda laços de parentesco com o governador da época. Uma beleza! A instituição policial estava podre e corrompida, tanto que o que se apurou em termos de esquadrão, no Espírito Santo, começou com uma denúncia ao Batalhão de Caçadores, do Exército.

Pois bem: o caso Aracelli aconteceu exatamente nessa ocasião. Cadeia foi feita para ricos? Pelo jeito não, mesmo que os ricos, no caso, sejam assassinos e canalhas, estupradores de uma menina de 9 anos, drogada para não poder resistir aos seus instintos. Não uso a expressão "animalescos" em relação a eles e faço questão de não usá-la – porque os animais, em geral, matam somente por uma razão: a sobrevivência. Não matam por ódio, maldade, vingança, sadismo ou ganância.

II

Mutatis mutandis, **aconteceu no Rio, este ano, a mesma coisa. É só substituir o nome de vítima, Cláudia Lessim Rodrigues, e sua idade, 21 anos, aquela moça encontrada nos penhascos da avenida Niemeyer**

Suspeitos? Um milionário, 26 anos, e um cabelereiro, de 32. Que fizeram? Encheram-se de cocaína e, impotentes, estrangularam a moça e se utilizaram de uma garrafa, com ódio da própria impotência.

Ah, tem mais: o cabelereiro tem seu salão sotisficado num hotel sob o comando do famoso e influente bicheiro Castor de Andrade.

III

Os dois casos -- o de Vitória e do Rio de Janeiro -- certamente já teriam sido solucionados, não fora o status de cada suspeito. Um porão ou uma sala, uma maquininha de 220 volts, um cavalete, um corredor polonês, um cambau e pronto: tudo aquilo que faz parte das técnicas pouco ou nada ortodoxas, e que são desmentidas mas existem, arrancaria rapidamente o que não se consegue com a crâneo kojakiana.

E isso nos faz notar, infelizmente, que o sol não nasceu para todos.

IV

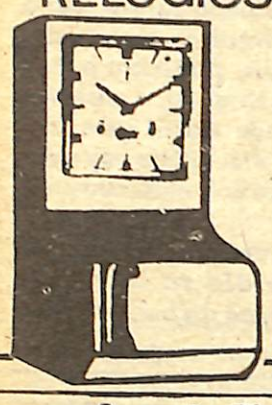
Como nos ensina o criminólogo Werthan, é ilusão acreditar que em nossos tempos somente os loucos cometem assassinatos ou outros crimes violentos. A vida humana, em nossa sociedade, é tudo, menos sacrossanta. Em algum futuro estado da sociedade as pessoas sãs não cometerão violência porque não terão motivos para isso, e porque terão adquiridos hábitos profundamente enraizados contra ele. Isso, certamente, não descreve a nossa era.

V

Os casos Aracelli e Cláudia aí estão: se não forem solucionados, teremos a demonstração apocaliptica de que os critérios farisaicos predominam e os tentáculos da podridão permanecem indissolúveis.

Percival de Souza

RELÓGIOS DE PONTO ROD-BEL



REVENDEDOR AUTORIZADO

COMERCIAL PANIZZA LTDA.

Rua Prudente de Moraes, 1.398
Fones, 436.6413 – 436.6684

ASSINE O JORNAL DE 2a. UM JORNAL LIDO ATÉ POR QUEM NÃO GOSTA.

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLÁSTICAS, ARMÁRIOS DE PENDURAR

E ARMÁRIO DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM

DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 – Tel. 434 - 6398
434 - 6598 e 434 - 6798



AOS 42 ANOS ENTRA EM CAMPO O CRAQUE BENÊ

Ele não precisa mais do futebol para viver. Joga no Barra Bonita, da 2a. Divisão, só para atender ao pedido do prefeito.

Aos sábados, ele é o companheiro de Mengálvio, Dorval, Jurandir (ex-São Paulo), Joel Camargo e Veríssimo (ex-Botafogo), entre outros, no time dos Veteranos Paulistas; aos domingos, seus lançamentos longos e medidos são para o artilheiro Maurinho, ou para os pontas Zildo e Nenê do Bento, no Barra Bonita, um time da Segunda Divisão de Profissionais. Os mesmos lançamentos que o tornaram famoso no Paulista de Jundiaí, no Gurani de Campinas, no São Paulo. Se perguntarem a ele qual a sua idade, a resposta não demora:

—Quarenta e dois anos.

Nessa idade, o velho (velho?) Benedito Leopoldo da Silva, o Benê que foi cortado da Seleção Brasileira em 1962 porque "sofria do coração", foi procurado pelo prefeito de Barra Bonita, para "dar uma força" ao seu time. Um time de garotos, como ele mesmo diz.

— A moçada lá joga com vontade, tem muita gente boa. O Maurinho, centro-avante, e um meia-esquerda de Nova Esperança, não me lembro o nome dele, esses dois têm condições de jogar em time grande – conta Benê, animadamente, a barba bem cultivada.

Bem que ele não queria ir, mas o prefeito – "não me lembro do nome dele, a gente só o chama pelo apelido, "Tatinha" insistiu tanto que, no final, Benê acabou sendo derrubado por um argumento bastante convincente:

— O homem é sãopaulino, como eu, sabe como é (risos). Na verdade, fui para colaborar com a moçada, pois não dependo mais do futebol para viver. Graças a Deus, sinto-me realizado profissionalmente. Mas dá gosto jogar lá, o pessoal é muito bom.

Mora no Jardim Bonfiglioli, em Jundiaí, e nem precisa treinar para jogar pelo Barra Bonita, da cidade próxima a Jaú. Só vai em dia de jogo. E quando o jogo é lá mesmo, em Barra Bonita, Benê leva a família junto, porque "o lugar é muito bonito, é uma cidade turística e o peixe de lá é excelente". Durante a semana, trabalha na Capital, com o conselheiro do São Paulo Mário Nadeo, no ramo de publicidade. Às quintas-feiras, não perde os treinos dos Veteranos Paulistas. Vai ficar no Barra Bonita só durante a primeira fase do campeonato – oito jogos. Domingo passado, contra o rio Branco de Ibitinga, ele não jogou – ficou no banco, ao lado do técnico Inocêncio, ex-goleiro do XV de Jaú (Inocêncio, Japonês e Almir – lembram-se dessa defesa?). Depois dos oito jogos, ele pára de jogar pelo Barra Bonita, aí só vai participar das partidas dos Veteranos Paulistas e de "uma ou outra brincadeira".

Técnico? Ele nem pensa nessa carreira:

Treinador só vive de vitórias, sofre muita injustiça. Eu sei, porque acompanho o futebol há muito tempo e já vi muitos casos de injustiça. Veja o que aconteceu com o Roberto Belangero no Paulista, por exemplo. O Roberto vinha fazendo um bom trabalho, de repente o time caiu de produção e ele foi o bode expiatório.

Quando o assunto é Paulista, Benê deixa de sorrir. Tem algumas mágoas, não do clube ou da torcida, mas de alguns dirigentes do seu tempo. Faz uma exceção:

— Olha, o doutor Paulo Fehr é fora de série, esse é de outro nível, bacana, sincero, sabe tratar bem o jogador. Mas. . .

Mas ele muda de assunto, lembra os bons tempos do Guarani de Campinas, os três gols que fez no Santos, num histórico jogo disputado na Vila Belmiro (3 a 1 para o Guarani) – "naquele dia, assinei o meu passaporte para um time grande" – os dias amargos da fatídica decisão com o Botafogo de Ribeirão Preto, quando ele jogava pelo Paulista. E volta a falar com entusiasmo do Barra Bonita – "o pessoal lá está animado; domingo, por exemplo, pagaram 500 cruzeiros de prêmio pela vitória sobre o Rio Branco; fala outra vez do Paulista – "quer ver um **cara** que pode levantar o time, apesar de ser político? É o Ibis, que andam dizendo que quer ser presidente; acho que, se ele conseguir dar força ao Paulista, formando um bom time, a torcida vai ao campo e, quer queiram, quer não, ele acabará se saindo bem".

— Só o conheço de bom dia, boa tarde – esclarece, logo em seguida.

Cláudio Coutinho? Um "**cara** inteligente":

— A turma anda criticando **ele** por causa daqueles negócios de polivalência mas ele está certo. O jogador brasileiro é que ainda não está mentalizado para isso.

MATHEWS, PUSKAS, DI STEFANO... ALGUNS EXEMPLOS DE LONGEVIDADE NO FUTEBOL.

—Infelizmente no Brasil, chegou aos 30 anos já é velho.

O desabafo de Benê é acompanhado de um exemplo bem atual:

—Veja o caso do Ademir da Guia, no Palmeiras. O homem estava acabando com o jogo e sempre tinha gente dizendo que ele já está velho. Agora não sei, parece que ele vai parar mesmo, mas quando o jogador chega numa certa idade, parece que todo mundo exige que ele seja perfeito. Caiu, escorregou uma vez, pronto, já está sendo chamado de velho, acabado...

Na Europa a situação é diferente. Pelo menos em certos países.

O inglês Stanley Mathews, conhecido como "o feiticeiro do drible", jogou até os 49 anos de idade. O húngaro Ferenc Puskas tinha mais de 38 anos quando usou pela última vez a camisa branca do Real Madri e Di Stefano aproximava-se dos 40 quando concluiu sua carreira no Espanhol de Barcelona.

A célebre fórmula "cada um tem a idade de suas artérias" continua, mais do que nunca, válida no mundo dos esportes, ainda mais depois que os norte-americanos levaram para lá nomes como Carlos Alberto Torres, o português Eusébio, Rildo, Chinaglia, Miflin e Pelé, que anunciou sua retirada definitiva do futebol aos 34 anos de idade e continua jogando, aos 37.

O futebol, que apela particularmente para a inteligência e para a técnica, embora tenha tido um desenvolvimento muito grande de esquemas defensivos e de contra-ataques, e portanto físico, não pode evitar, apesar de diversos tabus, o aumento do número de praticantes com mais de 30 anos, entre os jogadores do mais alto nível.

Quando se fala em Pelé, por exemplo, há quem diga que se trata de um homem de qualidades físicas excepcionais,esquecendo de sua inteligência e de sua técnica, que o são muito mais. Mas, quando ele se revelou ao mundo inteiro no estádio de Rasunda, na Suécia, numa tarde de 1958, na seleção sueca havia um certo Gunnar Gren, conhecido como "o professor", que poderia ter sido seu pai, ou ainda Liedholm, uma das principais figuras da seleção da Suécia. Naquela tarde, o ponta-direita era um tal de Hamrim, de 19 anos que onze anos mais tarde criou todo tipo de dificuldades para a defesa do Ajax, jogando pelo Milan na final da Copa da Europa de Clubes. O Milan venceu por 4 a 1 e, naquele dia, Cruyff sofreu com a comparação.

Há muitos casos desse tipo. Altafini, por exemplo: se o futebol italiano não tivesse fechado suas portas aos jogadores estrangeiros, certamente ele teria se aposentado bem antes de 1976, quando chegou aos 40 anos. E ele, aos 36 anos, teve grande influência na participação do Juventus na final da Copa da Europa, além de continuar fazendo gols decisivos no Campeonato Italiano. Aliás, no Juventus, com o alemão Haller, 34 anos, e o italiano Salvatore 35, a média de idade era bem alta.

Muitos desses jogadores da elite do futeboi terminam suas carreiras como técnico, jogando e orientando uma equipe em condições geralmente nada fáceis. Isso porque, em virtude de sua fama, eles são objeto de marcação mais rígida, principalmente quando se aproximam do gol adversário. Além disso, eles têm que fazer um esforço maior para ficar com a bola e controlá-la à vontade.

Just Fontaine é um desses treinadores. E, quando ele quis que o Paris Saint Germain contratasse Raymond Kopa, não se tratava apenas de uma operação publicitária. Fontaine sabia que Kopa, que conservou sua forma física, mesmo aos 42 anos de idade, poderia contribuir muito com o time por sua experiência eexcepcional sentido de jogo. Se pudesse aceitar a proposta de Fontaine, Kopa seria, até bem pouco tempo, sem dúvida, o decano dos jogadores franceses em atividade.

O GOLEIRO

Uma posição onde isso parece acontecer mais frequentemente é a de goleiro. Eles parecem melhorar ao envelhecerem. Os melhores exemplos são o mexicano Carbajal, que participou da Copa do Mundo de 66 (tinha 45 anos), o célebre Lev Iashin, que até os 40 anos foi o goleiro permanente da seleção soviética, Gordon Banks, afastado por uma séria lesão ocular, aos 37 anos, e Manga, perto dos 40, que ainda é titular no Internacional de Porto Alegre e está relacionado entre os 75 jogadores brasileiros que não poderão ser vendidos até a Copa do Mundo.

Ferrari, que jogou no Paulista, Guarani e Palmeiras; Rinaldo, que também foi do Palmeiras, e Paraná, que era do São Paulo, são outros exemplos de longevidade no futebol, ao lado de Benê. Ferrari, no ano passado, foi convidado a jogar no Capivariano, da Segunda Divisão. Estava com 40 anos e jogava na várzea de Campinas:

– Senti a mesma sensação de quando me chamaram para assinar o primeiro contrato com o Guarani. Pensei logo num dinheirinho a mais por mês, para ajudar nas despesas de casa. O Capivariano me deu um grande presente, e até me remoçou. Eu estava me julgando acabado para tudo.

Muitos jogadores que passam de uma certa idade continuam suas carreiras em condições difíceis. E, quando não são mais capazes de manter seus lugares, se não guardaram o dinheiro que ganharam têm de enfrentar horas amargas, pois os dirigentes nada têm de sentimentais.



No Maracanã, na despedida de Garrincha.

ZONA FRANCA

DO DEPUTADO AO PREFEITO

Recebemos do deputado estadual Jayro Maltoni (MDB) cópia da seguinte carta encaminhada ao prefeito Pedro Fávaro:

"Em primeiro lugar, cumpre-me cumprimentá-lo pela decisão tomada com relação a um problema de maior importância para Jundiaí, conforme publicação inserida nos jornais de nossa cidade, no dia 14 de agosto. Realmente, medidas como essa merecem o nosso aplauso.

Em segundo lugar, gostaria de pedir o obséquio de sua atenção para as seguintes considerações:

O assunto que vem sendo debatido e insistentemente comentado em nossa cidade, nos últimos dias, refere-se ao sistema viário.

Todavia, entendo que o problema do saneamento básico merece toda prioridade, seja pelos benefícios diretos e imediatos que o saneamento trará a população, seja quanto ao barateamento da posterior construção do sistema viário.

"Permissa venia", se a Prefeitura Municipal de Jundiaí firmar convênio com o Estado e com as prefeituras de Várzea, Campo Limpo e Itupeva, seriam construídos os emissários de esgoto em toda a região, digo, em toda a extensão dos Rios Jundiaí, Guapeva e Jundiaí Mirim, assim como outros córregos. Teríamos, então, a construção de diversas estações de tratamento de esgoto, com o que se evitaria a poluição dos nossos rios, dando melhores condições de saúde ao nosso povo. Esta solução iria resultar grande economia na construção do sistema viário, pois, com a construção de emissários de esgoto às margens dos rios, far-se-ia a canalização dos mesmos, com o que estariam praticamente construídas as avenidas que ficariam na dependência da pavimentação para que ficassem concluídas.

Com estas considerações, que acredito não tenham deixado de passar à análise de Vossa Excelência, peço escusas pela interferência em assuntos de sua administração, mas a razão me impõe, e o bom senso me indica que não me mantenha alheio, como homem público, aos problemas que assoberbam a nossa cidade, problemas que cada um de nós vive, sente e se obriga a contribuir para uma solução".

CASCALHO NAS RUAS

"Como usuário de ônibus, escrevo para apontar um problema que geralmente acontece quando chove. Moro no Jardim do Lago. O ônibus vem pela Samuel Martins, depois tem que entrar para ir lá perto do colégio. Lá por perto do colégio as ruas estão em estado lastimável, os ônibus não conseguem subir, quando chove, os motoristas não entram lá, no que estão certos. A Prefeitura precisaria jogar cascalhos nessas ruas, para acabar com o problema". **Ari Hermes.**

TÁXIS

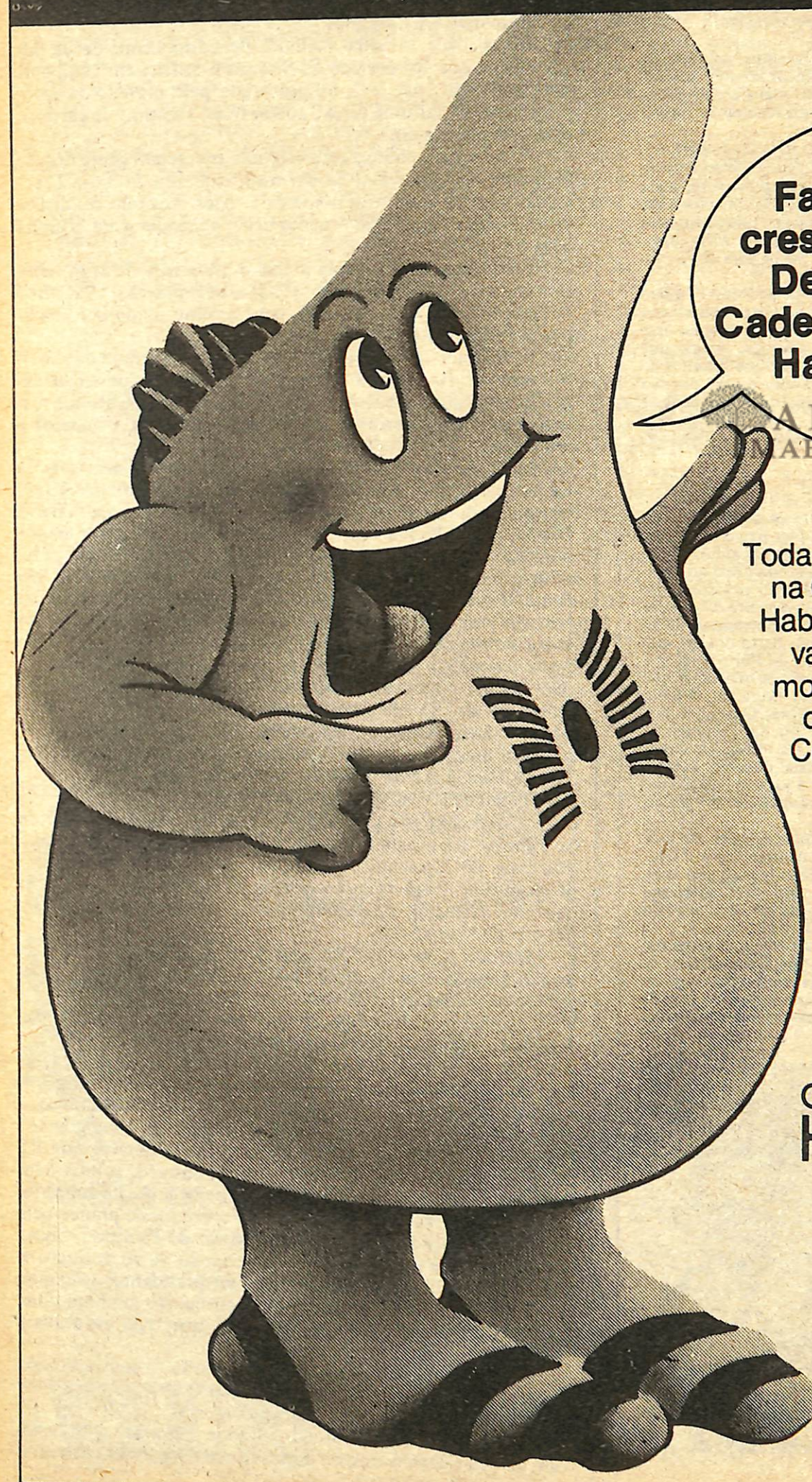
"Costumo viajar para São Paulo, todos os dias, e, nos dias de chuva, meu maior problema é conseguir um táxi. Acontece que, como o ponto de táxi fica em frente à rodoviária, os motoristas pegam os passageiros que esperam a condução em frente à placa indicativa. Até aí tudo bem, só que ali não dá para a gente se proteger, a cobertura fica um pouco antes do início oficial do ponto. Então, o que acontece, o passageiro que chega antes e fica na cobertura não consegue vez. A gente tem que ficar na chuva, se quiser garantir lugar. Por que não colocam o início oficial do ponto bem debaixo da cobertura? Assim ninguém tomaria chuva". **L.G.**

ERROS E ACERTOS

"Diante de Deus é todo o nosso tempo tem um valor insignificante, infinitesimal até. No entanto, para nós cada segundo é soma preciosa em existência. Mesmo assim, no plano divino, um átimo é considerado, cortado, computado em conta aberta; volume e valor. Levamos em conta as coisas, os motivos e os fatos, analisamos condutas e avaliamos procedimentos. Deus sabe tudo pelo poder da divindade, é Pai zeloso, amoroso e verdadeiro.

Nós tomamos conhecimento dos sucessos e passagens, erros e acertos através do "Jornal de Segunda-Feira": Tudo OK". **Auçônio Tozetto, vereador pela Arena.**

Entre na corrente da segurança.



Toda hora é hora de depositar na Caderneta de Poupança Habitacional. Seu dinheiro vai render correção monetária e dividendos, dia a dia, todos os dias. Crescendo com segurança, para sua tranqüilidade.

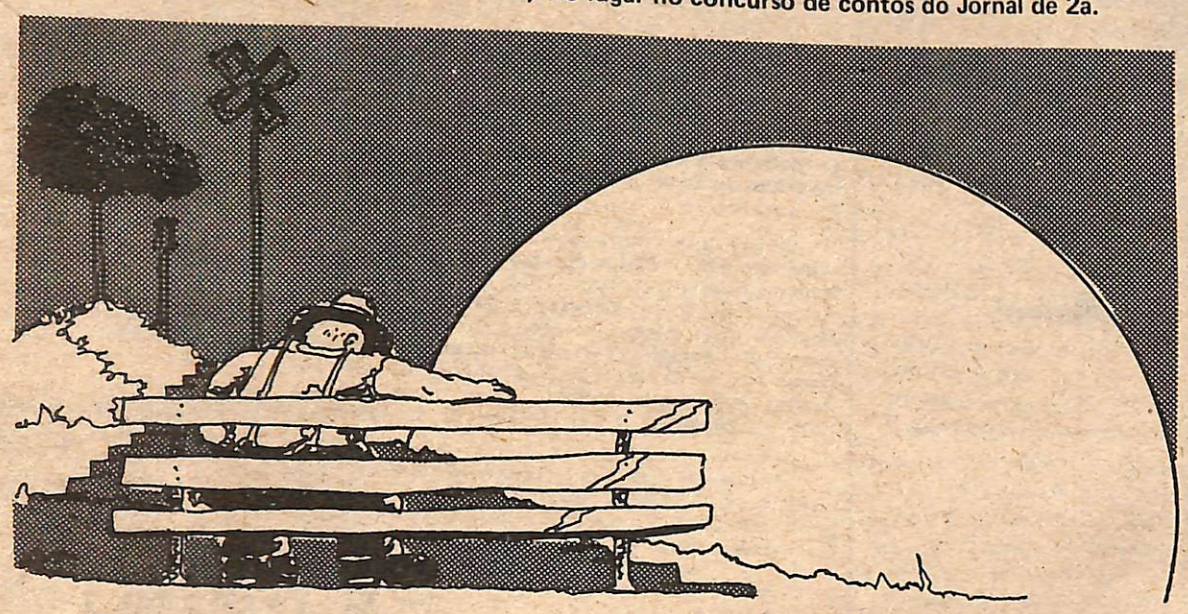
Caderneta de Poupança Habitacional APE

Campinas • São Paulo
Americana • Jundiaí

FOTO GELLI
Rua do Rosário, 334
Fone: 434-2253

"OS ADAMELLOS"

Conto de Ubirajara de Souza Tavares, 1.o lugar no concurso de contos do Jornal de 2a.



A ladeira de São Bento parecia não ter fim. Plutarco Adamello porejava. A batedeira fazia-lhe parar a cada passo, extenuado. Tinha a sensação de estar plantado ao solo, com as pernas a pesarem qual sacas de café. Outrora não notava o seu aclive. Vinha da rua Capitão Damásio, subia até o fim do areão em um só fôlego. Velhos tempos, velhas pernas que não mais querem caminhar, que só o descanso pedem. Enche o peito de ar e a marcha reinicia, tropegamente, até a esquina com a rua Barão de Jundiaí. Pára outra vez. Descansa por alguns instantes e desce, lentamente até uns dez metros além do portão da Justiça do Trabalho com grande esfôrço. As máquinas atordoam-no com sua velocidade mortal e quando um largo espaço se faz entre os carros, apressa-se a ganhar a calçada junto a praça. Inquieta-se por não encontrar o prédio da Cadeia. Contorna-a pela rua da Imprensa admirado com aquele monstro de cimento e as suas escadarias. Piu bello, piu bello. Se entristece por não ver as antigas palmeiras junto a rua do Rosário. Teria se confundido? Resfolega. Passa o lenço na testa suarenta para continuar a marcha intrigado. Por fim descobre as figueiras centenárias bem à sua frente. Deixa aflorar no rosto macilento um esboço de riso, esgar de alegria e conformismo. Sente-se estranho e nem mais sabe o que viera fazer na cidade. Tranquiliza-se ao reconhecer a Igreja São Bento; ou seria de Sant'Ana? Estuga o passo e senta em um dos bancos sob as sombras das árvores, estropiado. Esta falta de ar o perturba. Precisará de ver um médico, mas qual? O último com quem estivera em consulta fora o Doutor Domingos Anastácio. Êle sim, êle daria um jeito nela com uma de suas fórmulas e, por certo, mandaria aviar por sua conta, como fizera antes. Mas o que estaria fazendo alí? Não se lembra. Esforça-se, mas não consegue. Com a mão direita busca ansioso nos bolsos algo que o faça lembrar-se. Nada. Timidamente chora. Através dos olhos baços, desordenadamente, vê aflorarem perdidas lembranças na solidão dos anos. Sobressalta-se com a visão de Biela, vestida de noiva, sobre um cavalo branco tendo a garupa Maurizio e Molisa, chamando-o pelo nome. Por que o chamam?

Biela. . . Biela. . . Sorri balbuciando o nome. Que bela ragaza. Foi no casamento de Vicência, lá no Rio da Prata, que a conhecera. Mulher menina em seus dezesseis anos.

Por que todo o passado ressurgindo agora tão claro como se fosse hoje? O coração dispara ao pensar no pai. Êle orgulhosamente contava a mesma história: — "Sou Clauss Adamello, nascido em Trentino na alta Itália. Caseime com Emília Splugem aos dezoito anos e cheguei aqui em o ano de 1883, trazendo Albano, Urbino, Rosa e Santo. Emília veio cheia e não me disse; só soube quando perdeu a barriga de três meses no bastimento. Cruzei o Oceano Atlântico para viver na vastidão das terras do Coronel Manoel Elpídio Pereira de Queiróz. Aqui nasceram Vicência, Maria e . . ." Então, o choro explodia convulsamente. Nesses momentos não conseguia dizer seu nome, porque a mãe morrera ao parí-lo, no dia oito de maio de 1892. Pobre pai, desde então vivera de saudade. Nunca lamentou-se como nunca puxara as teta da mama e nem sorvera doutra o leite humano. Do próprio nome sempre sorrira, como sorrira a vida toda. Marino Peschiera, seu padrinho, ficou encarregado de registrá-lo. Veio a Jundiaí para êsse fim e após perambular por bares e cantinas do caminho, brusco como uma raposa, transformou Petrarca em Plutarco. Crescera na fazenda sem conhecer mulher alguma. Só trabalho. . . mas cantava. O canto fazia-lhe diferente dos animais de carga. Mal nascido o dia punha-se a carpir, carpir, carpir montes e vales cobertos de café. Se não bastasse, noite adentrando, achava tempo para cuidar dos animais e só depois dormir.

Biela. . . como fora belo aquele amor e os filhos pareciam com ela quando sorriam. . . Viu chegar a liberdade e a sua não chegara ainda, mas era feliz. Viu sólidas famílias perderem tudo, naufragando em dívidas após o vinte e oito. . . Maurízio e Molisa também se afogaram. Não. Não, eles estão vivos e os vira com Biela, há pouco.

Foi pelo dez ou foi no nove, que importa agora. Sim, sim foi em 1910 que o pai morreu de colerina, a caminho do médico e sem extrema unção; mas viu os netos chegarem às pencas.

Os pés começam a ficar adormecidos. O que seria isto? Talvez a peregrinação dos últimos anos por sítios e cidades das redondezas em busca de amigos que testemunhassem os seus setenta e seis anos de trabalho pelos campos adjacentes, amanhados com amor. Coitados, velhos e tímidos, esquecidos e medrosos, esquivaram-se um a um; contudo, outros que nunca o conheceram, prontamente assinaram, quando o seu ânimo já estava fraquejando. Essa luta durara cinco anos e dez meses, vivendo de favores dos desconhecidos, numa longa espera de privações e medo. Espera maior fora sua solidão ascética de vinte e seis janeiros ouvindo os choros dos sobrinhos e as cantigas de ninar, intercalados com os reclamos das cunhadas por ocupar na cama que seria deles... e pagava com o seu trabalho. . .

Ajeita-se no banco e tem a sensação que não possue os pés. Apalpa-os timidamente com a mão direita, enquanto a esquerda avaramente segura um punhado de notas. Agora sim soube porque viera a cidade. Veio receber sua aposentadoria rural. Há dois dias o aviso chegara no armazém da vila. Tenta contá-las. Quantas notas seriam? Nunca tivera onze mil cruzeiros em mãos. Os dedos endurecidos pelo trabalho e pelos anos não respondem a seu comando. Não consegue pegar uma a uma como desejara. Longe se faz o tempo que ligeiros tiravam os peixes dos anzóis nas águas claras do Jundiaí, nas bandas do Varjão.

Olha o frontispício da Igreja e sorrí feliz, como sorrira no dia que pela vez primeira vira o trem de ferro varando os vales de Louveira; ou quando viajando pela Itatibense, tudo parecia um sonho, a serpentear entre matas e cafezais, em busca dos montes de antiga Belém de Jundiaí. Como era belo o despachar das uvas. . . As filas de carroças, cestas de uva pejadas, a espera do embarque. . . Aquela azáfama. . . O alarido dos amigos, os brindes intermináveis. . . as cantorias cheias de saudades. . . Ao por do sol a volta. . . os burros lerdos retornavam pastando, enquanto sobre os carros seus donos dormiam, regorgitando vinho pelas bocas, após um dia de trabalho cansativo, mas alegre.

O barulho das serras e das betoneiras na construção do INPS ferem os seus ouvidos, atordoando-o. Sente-se zonzo e angustiado. Teriam Maurizio e Molisa sentido assim quando se afogaram? Biela intercedeu, ele não queria que os bambinos fossem a Pirapora; mas, como negar um desejo desse a quem se ama? Outra vez chora e soluça convulsamente. Biela . quando soube nunca mais sorriu; entristecida vagava pela casa noite e dia. Foi definhando até partir em seu caixão de pinho. Por que estas lembranças o atormentam? Por que? Se há quase trinta anos eles se foram.

Em um domingo de sol casou Vicência. Num ofício de Ramos, aqui nesta cidade, conheceu Reggio de Ferrara, morador de Caxambu ou da Colônia. Por alguns segundos sente-se entorpecido e a mente fugidia. Estaria o coração parando? Mas as forças voltam, lentas. Reggio fora vê-la quatro vezes e na primeira já conversou com o Albano. Casaram-se no setembro seguinte. Como foram fartos o vinho e a carne nesse dia. Não houve noiva mais bela, a não ser Biela. Biela era irmã de Reggio. Olhos grandes, rasgados, azuis, cinturas bem marcadas e de traseiros largos. Quando pousava a mão em seus cabelos argentos, tinha a impressão de estar tocando a estrela vespertina. Na Páscoa de dezoito se casaram.

Assunta e Pierina também casaram-se na Páscoa e no mesmo dia. Partiram para suas casas em Campo Largo e Atibaia. Só as reviu na morte de Biela. Nunca perdoaram-lhe por ter dado a elas como dote uma Singer, a cada uma. Queriam terras, mas as terras haviam sido prometidas ao Paolo. Quem entende as mulheres, mesmo sendo filhas. Que é feito delas?

O ar torna a faltar-lhe e anseia-se. Respira fundo compassadamente e o alívio custa a lhe chegar.

Primeiro nasceram Maurizio e Molisa, gêmeos, em terras do Mosteiro. Não, foi no Traviú, bem a par dos Pereiras. Depois Assunta, Pierina, Paolo, Francesco, Emidio e Santina. Anos difíceis, mas alegres. A uva começava a tomar corpo. Todos plantavam a Isabel, depois a Niagara branca e só mais tarde a rosada. Por muito tempo os maiores e melhores vinhedos foram os dos Del Vecchi, na Fazenda Progresso.

Difícil foi poder pagar os 11 alqueires no Engordadouro. Os filhos ajudaram bem na uva. O café não mais valia nada. Tristes foram os anos dos quarenta, quando em sua esteira foi sepultando os filhos e Biela. Francesco e Emidio foram à guerra. Francesco voltou para morrer no Juquerí. Emidio ficou por lá, tombado em terras dos avós. Isto dizia a carta do Exército. Ter dois filhos na guerra e para viajar lhe ser exigido salvo conduto, até hoje não entende a razão.

Sente outra tontura. Por Deus, por que lembrar das coisas o cansa tanto? Paolo viverá? Paolo é um doutor. Já não mais lembra em que é formado. Tudo o que sabe é que ao Brasil deu um doutor. Valeram os sacrifícios. Veio lhe ver quando vendeu as terras que doara a ele, um ano após a morte de Biela. Santina fez-se freira carmelita. Uma flor de menina morta tão cedo. Disseram-lhe ter sido dos pulmões.

Plutarco sente fome. . . quer levantar e não consegue. Tosse. Deseja voltar para casa. Sorri. Saíra cedo de seu barraco, lá na Vila Ana, e não deixara almoço pronto. As pálpebras estão pesadas. . . a noite fora mal dormida, pensando em seu dinheiro. . . em sua aposentadoria. . . Um sono vem chegando manso, calmo. . .Biela se aproxima. . . Sente-se moço, tal como fora antes. . . o corpo, lentamente, vai escorregando sobre o banco. . . tombam-lhe os braços e as mãos se abrem como fazia quando semeava a terra que amara tanto.

CINEMA

Você tem até
sexta feira para ver (ou rever)
"E o Vento Levou"

A nova geração talvez ache o filme meio chato, mas os nostálgicos vão gostar de "E o Vento Levou", de David O. Selznick, baseado na obra de Margareth Mitchell. Esse filme, que ganhou dez "Oscars" na época de seu lançamento, é considerado "um dos gigantes" do cinema mundial, e fica em cartaz até sexta feira, no Ipiranga. Sessões especiais: às 14 e às 20 horas. Além da inesquecível dupla Clark Gable e Vivien Leigh, o elenco traz Olívia de Havilland e Leslie Howard. Prato cheio para os saudosistas.

Além de "E o Vento Levou", a programação desta semana terá: "Excitação", a partir do dia 17, no Maraba; "O Mulherengo", de 12 a 15, no Ipiranga, e "O Expresso de Chicago", a partir do dia 16, no Ipiranga. No Alvorada: "Torturas pelo Sexo", dia 12; "O Dragão Negro contra



Clark Gable
no filme
que ganhou
dez "Oscars"

a Espada da Morte", dias 14 e 15; "O Mulherengo", dias 16 e 17, e "A Duquesa e o Vilão", dia 18.

E, ainda este mês dependendo de confirmação, você poderá assistir "Carrie, a Estranha" (de 22 a 28), "A Violentada" (de 23 a 29) e "Loucuras de um Sedutor" (não confundir com o genial "Sonhos de um Sedutor", esse "Loucuras" é nacional), a partir do dia 30.

O EXPRESSO DE CHICAGO

Um tímido escritor (Gene Wilder) toma um trem com o objetivo de fazer uma viagem de três dias, buscando descanso e tranquilidade. Mas, antes de chegar a seu destino, estará envolvido numa série de misteriosas aventuras e desventuras, também dentro e fora do trem.

Entre essas aventuras, a que envolve um manuscrito roubado, o FBI, identidades falsas, brigas sob o teto do trem a toda velocidade, contrabandistas noturnos a bordo de aeroplanos da Primeira Guerra Mundial. Em resumo, é o que você verá em "O Expresso de Chicago", a ser apresentado no Marabá a partir do dia 16, sexta-feira. O filme é dirigido por Arthur Hiller, que assinou "Love Story", "Plaza Suite", "Hospital" e "O Homem de La Mancha".

O que valoriza bem o trabalho de Hiller é a presença de Gene Wilder, que agora também está dirigindo seus filmes (neste, ele só é ator). Quem diz isso é a revista Newsweek:



Wilder: aqui, só ator.

"Gene Wilder tem feito reviver aquele tipo de ator que Hollywood desde Danny Kaye não havia substituído – o cômico romântico. É bom rir com as peripécias de seus tipos divertidos. Ele faz o tolo tão somente por fazê-lo. Pois os tipos que cria, apesar de sua aparente incapacidade, parecem ter nascido para vencer".

EXCITAÇÃO

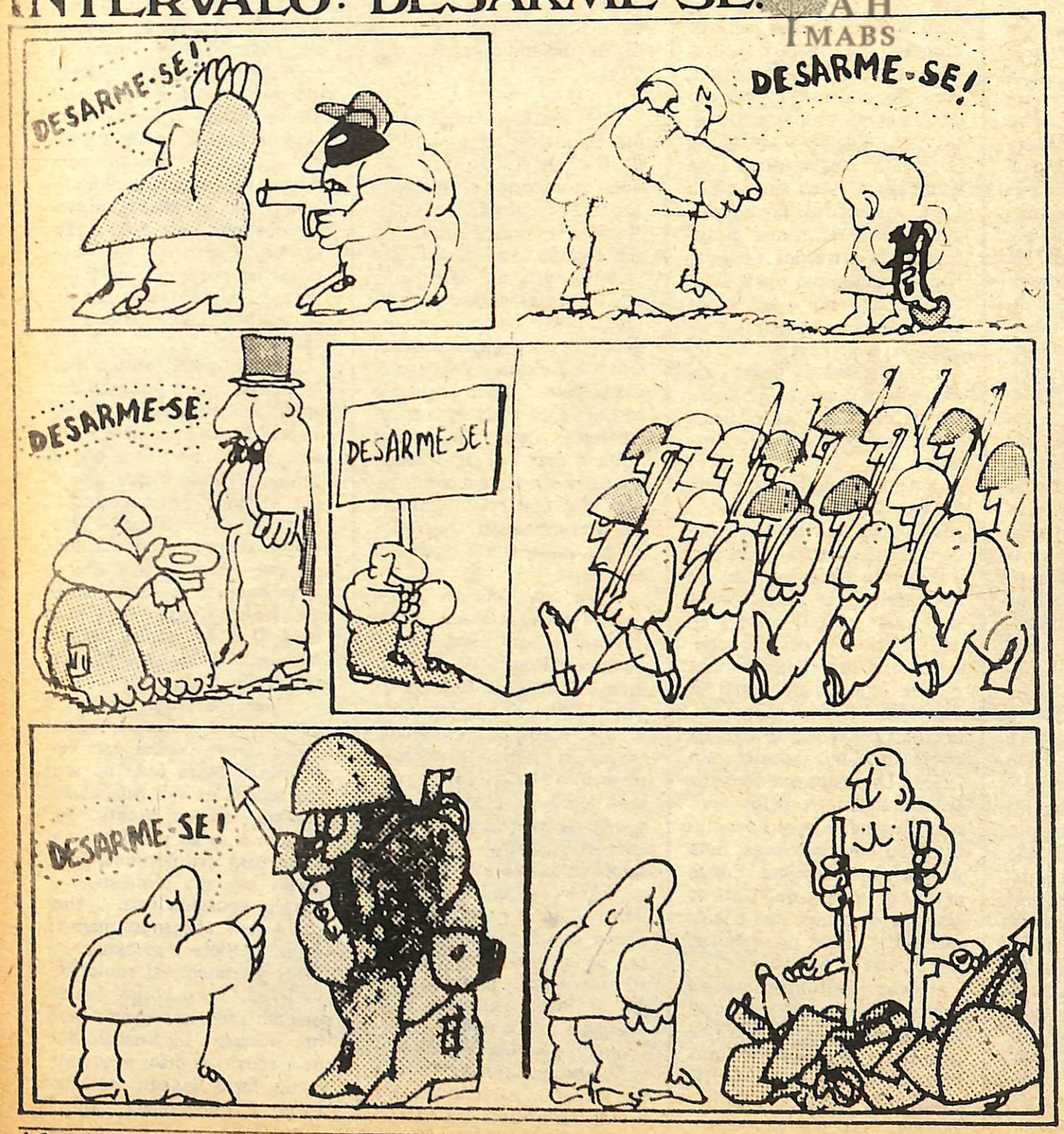
Em "Excitação", você deve, antes de mais nada, esquecer o convencionalismo da história e dos personagens. A intenção do diretor Jean Garrett era fazer um filme de suspense com um pouco de terror, mas ele acabou fazendo uma descrição de ações, não faltando, é claro, a nudez, assídua frequentadora dos filmes nacionais.

"Excitação", que entra em cartaz dia 17 no Ipiranga, tem Kate Hansen e Betty Sady nos principais papéis e conta a história de um homem que leva a mulher para uma casa deserta à beira-mar, para que ela se recupere de frequentes crises nervosas, possivelmente estimuladas pela tensão da cidade grande.

Misturam-se ao casal a vizinha, uma viúva carente de afeto e reprimida, sua prima, que chega inesperadamente, além de um pescador.

"Excitação", segundo o crítico de cinema do "Jornal da Tarde", Edmar Pereira, consegue frequentemente envolver sua platéia numa atmosfera de mistério e ameaça, cria situações tensas e explora muito bem à sensualidade que elas comportam, "assim como sabe aproveitar-se, sem qualquer vulgaridade, do inegável sex-appeal de suas atrizes". A fotografia, de Carlos Reichenbach, segundo o mesmo crítico, está entre as melhores já vistas em qualquer filme brasileiro.

INTERVALO: DESARME-SE.



PUFS!

Cizânia é uma bebida que a gente reparte com os amigos.

Esgar ficou cego ao olhar para trás.

Irmãos Marx são os membros de uma seita cuja capital é Moscou.

Fortuito foi um imperador romano que chegou ao poder por mero acaso.

Cavalete foi um toureiro que tinha perna de pau.

Bengala é uma casa onde os escravos guardavam seus tigres.

Coifa é um pão alemão defumado.

"I presume", em inglês, significa "Tomaste banho"?

Estoril é uma flatulência que atacava os nobres portugueses.

Bangalô é uma pequena dentadura que os franceses usam no fim de semana.

Borgonha é a timidez provocada pelo excesso de vinho.

Felipe II comia quatro bananas de cada vez.

Caramuru bebia álcool puro nos dias de chuva.

Himalaia é o nome que se dá ao órgão genital das mulheres mais altas.

Sagu é uma superstição a respeito de certos alimentos.

Tremoço fundou Madri, depois de fundar Roma.

Zarteu

DISCO&SHOW

Pedro Autran Ribeiro

A GTA, etiqueta da rede Tupi de televisão, que não passa de uma cópia (ruim) da Som Livre, da Globo, parece que resolveu melhorar seu nível e sair das trilhas (ruins) das novelas (ruins) da emissora: contratou Moacir Machado (ex-Odeon), um homem que entende de disco e vai lançar discos produzidos aqui mesmo, com elenco próprio. **A primeira contratada na etiqueta é Alaíde Costa.**

O primeiro elepê de Raul Seixas na WEA será lançado até outubro. O disco já foi todo gravado e está em fase de mixagem num estúdio norte-americano.

A CBS, satisfeita com o sucesso de Fagner junto à platéia universitária, prepara-se para uma ofensiva em grande escala nessa área, com novos talentos vindos do Norte-Nordeste. A cantora Amelinha já foi lançada. Agora, será a vez do guitarrista Robertinho, do Recife, com o LP Jardim da Infância, e Ricardo Bezerra, cantor, compositor e pianista, que também terá um disco lançado brevemente.

Nivaldo Ornellas, que não é nordestino, mas mineiro, e é considerado um dos melhores instrumentistas brasileiros de sopro – ele já fez parte do ótimo Som Imaginário, em sua melhor fase – também deverá lançar um disco pela CBS, com produção de Fagner e Jorginho Telles. Aguardem que só pode sair coisa boa.

O Instituto Nacional de Música começa a se mexer: fez uma pesquisa entre várias bandas de música e a partir dela entrou em contato com vários fabricantes de instrumentos nacionais, visando melhorá-los. Para isso, nomeou uma comissão de músicos que visitou as fábricas paulistas e fez sugestões para modificações. Quatro protótipos – clarineta, trompete, bombardino e trombone – já foram aprovados por essa comissão e deverão ter a sua produção em série iniciada, sob encomenda da Funarte.

Lançado no Brasil, selo Phonogram, o décimo elepê do conjunto inglês Procol Harum, **Something Magic**. O Procol Harum estourou nas paradas do mundo todo, inclusive no Brasil, com **A Whiter Shade of Pale**, em 1967 e tem mantido a qualidade de seu trabalho ao longo destes dez anos e dez discos, mesmo modificando várias vezes a sua formação (neste disco, estréia Pete Solley, tecladista). Notável o lado B do disco, com uma longa (18 minutos e 35 segundos) peça, **The Worm and the Tree**, uma fábula musicada.



Santana: o rock em Cuba?

O rock prepara-se para invadir Cuba: Carlos Santana, o guitarrista, aguarda apenas o visto do ministro da cultura de Havana para se apresentar para os cubanos. O empresário de Santana, Bill Graham está muito esperançoso em relação ao visto. O pedido de concessão do mesmo foi entregue a Ugo Yedra, da delegação cubana junto à ONU. Se conseguir o visto, Santana será o primeiro músico de rock a se apresentar em Cuba desde a ascenção de Fidel Castro ao governo da ilha.

Outro lançamento Phonogram, este seguindo a verdadeira febre de discos ao vivo, desencadeada pelo estrondoso sucesso de **Frampton Comes Alive**, e **Quo Live** do conjunto inglês Status Quo. Esse conjunto também tem dez anos de estrada e a música que os projetou foi **Paper Plane**. Daí em diante, o Status Quo não saiu mais das paradas inglesas, estourando com **Pictures of Mtchstick Men**. Mas, ao contrário do Procol Harum, não se pode dizer que o Status Quo manteve boa qualidade durante todo esse tempo. Aliás, o conjunto manteve o nível, que é mau.

JORNAL DO LIVRO

Mário Marinho

A editora Ática, de Lisboa, estará lançando, dentro de dois ou três meses, o primeiro de uma série de três volumes de textos inéditos de Fernando Pessoa. Trata-se de reflexões sobre a vida política, social e cultural portuguesa, apresentadas tanto sob a forma de ensaios completos de sociologia política como de fragmentos anotados pelo poeta ao longo de sua vida (1888-1935).

A Livresp (Viaduto 9 de julho, 160, 1.o andar, conjunto 14, São Paulo), especializada em livros jurídicos, comunicando que vende livros por telefone: 35.4807. E apresenta como últimas novidades: "A denúncia vazia do contrato de locação", R. Limongi França, Cr$ 140,00; "Aspectos modernos do Direito Comercial", de Rubens Requião; Cr$ 240,00; "Comentários ao novo regime do Imposto de Renda", Eduardo Henry, 3.o volume, ... Cr$ 90,00; "Acidentes do Trabalho", Oswaldo Opitz e Silvia, Cr$ 180,00; "O erro no Direito Penal", Francisco Assis Toledo, Cr$ 75,00.

"Tieta do agreste", de Jorge Amado, continua de quase 600 páginas, ... Cr$ 120,00, denuncia uma fábrica de dióxido de titânio – a Brastânio – que pretende se instalar no Nordeste. Como se trata de uma fábrica altamente poluidora; há as reações e, consequentemente, a corrupção que envolve prefeitos, deputados, senadores, jornalistas. Corrupção à parte, a luta do povo da pequena Sant'Ana do Agreste, onde se pretende instalar a Brastânio, lembra a reação do povo do Vale do Paranapanema à instalação da Braskraft.

Quem for às bancas comprar jornais poderá encontrar os seguintes lançamentos da Edibolso: "O caos nosso de cada dia", de Carlos Eduardo Novaes, 128 páginas, ... Cr$ 25,00; "Hospital: urgente!", Frank C. Slaughter, 296 páginas, Cr$ 30,00; "Vidas vazias", de Alberto Moravia, 252 páginas, ... Cr$ 30,00; "Flôr oculta", de Pearl Buck, 272 páginas, Cr$ 30,00. Todos em formato de bolso.

Comemorando o 12.o aniversário da Biblioteca Pública "Monteiro Lobato", a secretaria de Educação e Cultura, de Osasco, está promovendo o II Concurso de Poesias de Osasco. Cada concorrente pode participar com o máximo de dois trabalhos que poderão ser enviados para a rua Pedro Fioretti, 396, sede da biblioteca, em Osasco.

A Paz e terra está preparando a terceira edição de "Salgando a terra", de Alencar Furtado. Quem comprou volumes da segunda edição reclamou muito – e com razão: acompanha o livro uma folha com cerca de 50 erratas, o que é um certo exagero para um livro que custa . . . . . Cr$ 50,00. E o problema é que a errata não soluciona tudo, pois ao longo das páginas do "Salgando a terra" são encontrados outros erros que não constam da errata.



Alencar: salgando a terra

A Editora Saraiva anuncia suas mais recentes publicações: "Temas de Direito Processual" de José Carlos Barbosa Moreira; "Breves comentários à Lei de Sociedade por ações", de Darcy Arruda Miranda Júnior; "Comentários à Lei de Sociedades Anônimas", 1.o volume, artigos 1.o ao 45, de Modesto Carvalho.

Depois do sucesso do livro "De bar em bar", Judith Rossner reaparece com "Nove meses na vida de uma solteirona", lançado no Brasil pela Record. É a história de uma mulher criada num mundo encantado, sempre protegida contra qualquer amargura e das duras realidades da vida e que, ao tentar se libertar dessa prisão, defronta-se com a sua total falta de estrutura para enfrentar o mundo.

A escritura Edla Van Stein que teve sua coletânea de contos "Antes do amanhecer" lançada recentemente no Rio, estará em São Paulo no fim deste mês. Ela e mais os escritores Gilberto Mansur, Lygia Fagundes Telles, José Gorayeb, Nilo Scalzo e Wladyr Nader estão à frente dos trabalhos de organização do I Encontro com a Literatura Brasileira, que será realizado em São Paulo, de 25 a 30 deste mês.

Endereço para correspondência: rua Milton de Souza Meirelles, 461, Parque Continental, São Paulo, CEP 05340.

O Profeta da Fome

É a próxima atração do cine-clube. A entrada é grátis.

No pequeno circo de Dom José, Alikan, o faquir, realiza os mais sensacionais números: "Os Manjares do Demônio", "O Enterrado Vivo", "O Suicida Sanguinário". Marcha descalço sobre cacos de vidro, perfura-se com punhais, come fogo e estanho derretido.

O circo vai mal. Os artistas, desesperados, comem os animais amestrados. Tentam tomar o lugar dos animais, mas fracassam. Inventam, como último recurso, um número arrepiante: o faquir Alikan vai comer gente. E o público comparece em massa para ver Alikan, "o homem que come gente".

Esse é um resumo de "O Profeta da Fome", filme de Maurice Capovila que o Cine-Clube de Jundiaí vai apresentar neste fim-de-semana.

"O Profeta da Fome" foi um dos representantes brasileiros no Festival Internacional do Filme, em Berlim, em 1970, tendo tido também êxito de público no Brasil. Nascido em Valinhos, formado em Teoria Literária, Capovila começou suas atividades cinematográficas como jornalista, tendo colaborado em jornais e revistas da cidade de São Paulo.

Em 1962, realizou seu primeiro filme, um semi-documentário mudo, de curta-metragem, "União". Também fez: "Bebel, Garota Propaganda", "Os Meninos de Tietê" e "Noite de Iemanjá"

É ele quem fala de seus filmes:

A posição de "O Profeta da Fome" é totalmente diferente de "Bebel". Para começar "Bebel" era um filme de crítica de costumes, de análise de comportamento, girando em torno de problemas urbanos, mas que não penetrava em estruturas sociais "O Profeta da Fome" já nasceu com propostas bem diversas. Fernando Peixoto e eu imaginamos um filme sobre a fome. A princípio, não sabíamos se faríamos um documentário, ou um filme de ficção. Se decidíssemos pelo documentário, então teríamos de recolher material, fazer uma síntese desta realidade e montá-la sem grande interferência nossa. Buscamos então um personagem que simbolizaria o problema da fome, que é um personagem real, que existiu e existe – o faquir. Conhecíamos a história de Silki, e ele era para nós uma espécie de símbolo do problema. Trazia em si uma contradição mais ou menos insuperável, isto é, passava fome para poder comer.

"O Profeta da Fome" será apresentado sexta-feira dia 16 e domingo dia 18 às 20 horas, na Biblioteca Municipal de Jundiaí, rua Rangel Pestana, 345. Entrada grátis.

Ficha técnica – Diretor: Maurice Capovilla. Argumento e roteiro: Maurice Capovilla e Fernando Peixoto, fotografia: Jorge Bodanski; intérpretes: José Mojica Marins (o "Zé do Caixão"), Maurício do Valle, Júlia Miranda, Sérgio Hingst, Joffre Soares, Adauto Santos, Heládio Brito e Mário Lima.

Auto Peças Franco Ltda.



ESPECIALIZADA EM PEÇAS PARA
VOLKS - DKW - OPALA E CHEVETTE
Av. Itatiba, 224 – Fones: 434.0964 e 434.9226 – Jundiaí

Hertane de Campos
ÓTICA MODERNA



Se a lente do seus óculos quebrou, não se preocupe. A ÓTICA MODERNA, com suas máquinas importadas fabrica qualquer lente em 30 minutos.

Fones: 434 - 7363 – 434 - 4351
Rua Barão de Jundiaí, 1012
O LABORATÓRIO MAIS COMPLETO DA CIDADE

VIDA NA CIDADE

CADÊ OS PIANISTAS?

Lançado em janeiro deste ano e com inscrições abertas até 29 de setembro, o II Concurso de Piano da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí está ameaçado de cancelamento. Motivo: falta de participantes. Até o fim da semana passada, só três candidatas estavam inscritas – e apenas uma de Jundiaí: Jussara Martins, 14 anos.

Onde estão os pianistas?

– Não sei o que está acontecendo – diz Dona Luísa Rafael, presidente da Academia – no começo do ano disseram que muitos não poderiam participar, uns alegando que o concurso era difícil, outros alegando falta de tempo. A Academia, com a maior boa vontade, foi prorrogando os prazos, mas até agora pouca gente se interessou. A mocidade de agora parece não ter muito interesse.

O problema, segundo a professora Dalva Cassoni Koch, diretora do Conservatório Musical de Jundiaí, é que os alunos estão sobrecarregados nesta época do ano, por causa dos trabalhos escolares. Nem todos teriam tempo de se preparar:

– As poucas alunas que querem participar alegam falta de tempo, por causa dos estudos, e depois tem outro problema: como o concurso foi dividido de acordo com a idade, existem alunos que não competem por achar que na mesma faixa deles pode aparecer algum candidato com muito mais experiência. Por exemplo, dois alunos podem ter a mesma idade e um deles ter começado a estudar há mais tempo.

O conservatório tem 250 alunos que estudam piano. Segundo a professora Dalva, o ideal seria que a Academia promovesse um recital, e não uma competição. A professora Lúcia Olga Chaves não concorda:

– Ah, não. Recital não. O concurso faz com que o aluno estude mais. Agora, acho que o problema maior é mesmo a escola, os alunos, muito atarefados com trabalhos escolares, não acham tempo para estudar. Também existe um pouco de medo por parte de certos alunos, isso é natural.

Mas Lúcia Olga Chaves – a única professora que colocou alunos de Jundiaí, no primeiro concurso, há dois anos – ainda acredita que a promoção será realizada. Ela está preparando duas alunas e, segundo soube, "uma menina de Itu também quer competir". Para Luísa Rafael, se pelo menos "oito ou nove candidatos se inscrevessem" a promoção sai.

– Se não der certo – acrescentou – promoveremos um concurso de poesia.

Como a Academia (35 sócios) não dispõe de verba – embora reconhecida como de utilidade pública, ela não recebe subvenção da Prefeitura – os vencedores de suas promoções ganham apenas troféus.

– Teve um interessado que telefonou de São Paulo e perguntou se havia prêmio em dinheiro no concurso de piano. Mas a Academia não tem verba para isso. Estamos preparando um "livro de ouro", para conseguir arrecadar algum dinheiro, e só podemos dar troféus mesmo. – explicou a presidente da Academia.

Ela faz questão de elogiar algumas professoras pelo interesse entre elas Lúcia Olga e Nair Effenberger Guelli. De qualquer forma, diz dona Luísa, "nós continuaremos nossa luta".

CRÔNICAS

Quanto ao concurso de crônicas, a Academia não pode reclamar. As inscrições já se encerraram e há dezenas de trabalhos que já estão sendo lidos pela comissão julgadora. O resultado deve sair daqui a pelo menos um mês, segundo uma das organizadoras, Olga Mathion.

FIQUE SABENDO

TELEFONES – As contas referentes ao mês de julho já estão em cobrança na rede bancária. O prazo para pagamento termina dia 16.

CURSO – Para quem gosta de decoração: a Escola de Decoração de Interiores mantém um curso por correspondência, a cargo do professor Simão Goldman. Endereço: Caixa Postal, 2200, Porto Alegre, RS.

MÉDICOS – **De 24 a 29 de setembro, em São Paulo, será realizada a XXIII Jornada Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia. Além de 16 cursos intensivos programados, haverá mesas-redondas e sessões de temas livres sobre "Estados Intersexuais" e "Avaliação Intra-Uterina do Concepto".**

MÉDICOS – Organizado pelo prof. Daher E. Cutait, será realizado de 19 a 22 de setembro próximo, na 3a. Clínica Cirúrgica do Hospital das Clínicas, um Curso de Técnicas e Manejo das Ileostomias e Colostomias, a ser coordenado pelos drs. Angelino Manzione e José Hipólito da Silva.

AUTO-HIPNOSE – **A Clínica de Recuperação Psíquica realizará a partir de 27 de setembro um curso teórico e prático de auto-hipnose. Informações e inscrições: av. Rio Branco, 429, s/12, fone 222.1740.**

MARKETING – De 19 a 23 de setembro, das 20 às 22 horas, será dado um curso de Marketing Financeiro na Associação dos Ex-Alunos da Fundação Getúlio Vargas. Informações e inscrições: avenida Paulista, 548, ou pelo telefone: 287.2459.

REGISTRO

REUNIÃO – Nesta terça-feira, às 20 horas, no Gabinete de Leitura, tem reunião da Fundação Cultural, Esportiva e Recreativa "Ema e Walter Gossner", de Ivoturucaia, para criação das subcomissões que trabalharão na instalação da escola e centro recreativo naquele bairro.

Guilherme Enfeldt, Roque J. Agostinho e José R. Aprilanti compõem a comissão que promove a reunião. Representam Jundiaí, Campo Limpo e Várzea Paulista, municípios que se beneficiarão com a escola-parque.

HOMENAGEM – O Rotary Club de Jundiaí prestou homenagem ao jornalista Tibúrcio Estevam de Siqueira. Foi em comemoração à data de nascimento do jornalista que o Rotary programou missa, plantio de uma árvore na Praça Tibúrcio Estevam de Siqueira, visita ao túmulo e fixação de placa comemorativa.

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

VILA BELA – Nova moderna com 3 dormitórios com armário, banheiro social, 1 suite - lavabo, sala grande, cozinha, lavanderia, quintal, jardim de inverno, jardim frontal, abrigo para 2 carros, vista panorâmica, acabamento de primeira. Rua com todos melhoramentos público.
Preço: Cr$ 800 mil – pode ser financiada. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

VILA LIBERDADE - 3 dorm. suite, banheiro social, sala grande, copa-cozinha, garage p/ 2 carros, dep. p/ empregada, jardim frontal. Cr$ 900 mil, pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (582/584).

PARQUE DO COLÉGIO – nova 3 dorm. c/ armário 1 suite, banheiro social, lavabo, sala em L, copa cozinha, lavanderia, dep p/ empregada, abrigo p/ 2 carros, jardim, quintal, Cr$ 1.300.000,00 pode ser financiada. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

JARDIM BRASIL – Bairro classe "A", estilo colonial, 4 quartos, sendo 1 tipo apto. grande sala p/ vários ambientes, lareira, 2 banh. sociais, copa, cozinha, lavanderia, apto. p/ empregada, quintal, grande jardim, abr. p/ vários autos, terraço amplo, etc. Terreno c/ 1.000 m2. Preço especial. Aceita Caixa, Terreno ou casa de menor valor como parte do pagamento. OFERTA ADVOCACIA PREDIAL.

PARQUE DO COLÉGIO – 3 quartos, sendo uma suite, com AE, carpetados, sala em "L" copa, cozinha azulejada até o teto, salão de festas, garagem p/ 3 autos, p/ família de fino gosto. Preço ..... Cr$ 1.300.000,00, aceita terreno c/ parte do pagto. e financ. p/ Caixa. OFERTA ADVOCACIA PREDIAL.

ANA MARIA – c/ 3 quartos, sendo 2 tipo apto, sala grande, copa cozinha, escritório, banheiro social, apto. p/ empregada, abrigo p/ vários autos, ótima localização. Preço Cr$ 1.400.000,00, pode ser financiada aceita terreno c/ parte do pagamento. OFERTA ADVOCACIA PREDIAL.

VILA MUNICIPAL – c/ 3 quartos, sendo 1 tipo apto. AE, 2 c/ carpetes, sala com 60m2, lareira, copa, cozinha, sala p/ TV, jardim de inverno, apto. p/ empregada, área de serviço, quintal, duas entradas independentes, abrigo p/ 2 autos, jardim frontal, tijolo à vista, etc. Preço de .... Cr$ 1.000.000,00. OFERTA ADVOCACIA PREDIAL.

ZACARIAS DE GÓES, – Tipo apto, com 3 quartos, AE. 2 sala com AE, copa cozinha, 2 banheiros, abrigo para 3 autos, ótimo ponto. Preço especial p/ negócio rápido. Preço Cr$ 900.000,00. Transfere financiamento. OFERTA ADVOCACIA PREDIAL.

RANGEL PESTANA - Jardim frontal e lateral, área. 2 dorm. garage, 2 salas, cozinha, lavanderia, dep. p/ empregada quintal. Cr$ 700 mil, facilitado e pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS – (16).

JARDIM CICA - Jardim frontal, 3 dorm. sala, copa-cozinha, 2 banheiros, garage, salão p/ festa, quintal grande, lavanderia, dep. p/ empregada. Cr$ 800 mil, facilitada e pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS.

PRÓXIMO AO CENTRO – sobrado com 3 dormitórios, com armário, banheiro completo, sala grande, cozinha com azulejo, abrigo, jardim, quintal, quarto para despejo, banheiro, ocasião. Cr$ 700 mil. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

SÍTIOS E CHÁCARAS

PRÓXIMO A VIA NORTE mais ou menos com 35 alqueires, com casa sede, mais 3 casas simples, 6 nascentes, córrego, açudes, ótimo para loteamento de chácaras, etc. Próximo a várias propriedades. Cr$ 15.00 m2.
OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

BAIRRO DO MEDEIROS Via Mal. Rondon, com 31.000 m2, com 2 glebas, sendo 13.400-E 17.500 m. formada com casa sede de 4 cômodos, casa de caseiro com 5 cômodos, poço com bomba, água encanada, gramado em toda volta da casa, luz trifásica, água corrente, 4.500 pé de uvas, pomar grande variado, ótima topografia, à 2 km do asfalto. Preço ..... Cr$ 1.800 mil facilitado - OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

BAIRRO DA CHAVE - magnifica chácara casa c/ 3 dorm. arms. embs. sala, copa-cozinha, banheiro jardim frontal, casa para caseiro, pequeno pomar, toda cercada. Estuda permuta com casa em Jundiaí. Cr$ 550 mil, facilitada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS. (1.237).

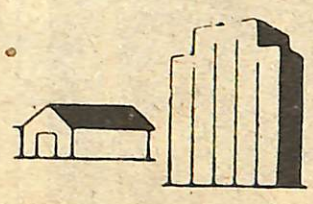
MEDEIROS - 20.000m2, casa sede e casa caseiro, pomar, toda cercada, luz, água encanada, poço com bomba, barracão p/ festa 10mx80m, com mais 2 comodos. Estuda permuta com terrenos em Jundiaí. Cr$ 1.500.000,00 facilitada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (9.961).

VIA ANHANGUERA - Próximo ao trevo de Louveira - 23.000 m. luxo, com ótima casa sede, 8 cômodos, casa de hóspede com 3 cômodos, casa para caseiro com 5 cômodos, todas com água encanada, uma capela, 1 barracão para festa, oficina, 1 piscina de 8x5, outra de 5x2 luz trifásica, 4 nascentes sendo 2 com bomba, 1 lago, córrego na divisa, pomar variado, deixa todos os móveis inclusive geladeira, e TV à cores, mais informações em nosso escritório. Preço. Cr$ 1.300 mil, facilitado à combinar. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

CAXAMBU – 53.000m2. plana à 9 km do centro, toda formada, casa sede, casa para caseiro, luz, linha de telefone, pomar grande, 5.000 videiras, água corrente, poço com bomba, 2 bosques de mata naturais, ótima topografia - Preço Cr$ 1.500 mil. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

RIBEIRO IMÓVEIS
administração e venda
rua Mal. Deodoro da Fonseca, 479
tel. 436-6388

CENTRAL DE IMÓVEIS
Rua Barão de Jundiaí, 1080
Fone 434-3311



ADVOCACIA PREDIAL
ALUGA — VENDE — AVALIA
ADMINISTRA IMÓVEIS E CONDOMÍNIOS
ASSISTÊNCIA JURÍDICA
R. Rangel Pestana, 419 - Fone: 434-3473 - Horário das 8:00 às 19:00 hs.



DERROTAS PROIBIDAS

Se o ex-prefeito Ibis Cruz assumir mesmo a presidência do Paulista, como parece que vai acontecer, a torcida não vai mais ter que amargar derrotas. Com o know-how que já adquiriu em outras áreas, é só o ex-prefeito mandar publicar matérias pagas dizendo que o Paulista ganhou. Pelo menos para o **Jornal da Cidade** o Paulista vai ser campeão. (S.V.)

RETIFICA

Na página 6 da edição passada, seção "Zona Franca", onde está "cruzamento da rua Rangel com Cavalcanti", leia-se "cruzamento da rua Torres Neves com Cavalcanti".

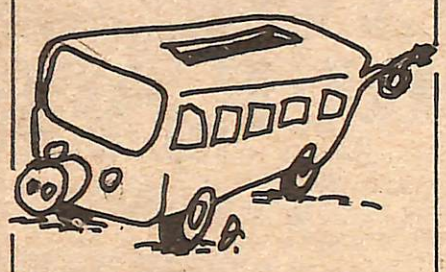
ODARA GLOBAL

Rever posições tem suas vantagens.

Aí está a nova novela das sete, "Sem lenço e sem documento", que não me deixa mentir, ó xente! (E.M.)

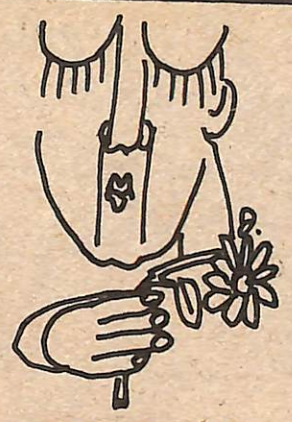
FALTA DE TROCO

O problema da falta de troco nos ônibus de São Paulo está realmente insolúvel. Já o problema social é um pouco mais fácil de resolver: o gerente da Viação Santa Madalena, por exemplo, é de uma eficiência invejável. Quando um grupo de cobradores foi falar com ele, para pedir aumento de salário (eles ganham 5 cruzeiros por hora) ele resolveu num instante: chamou o DOPS e mandou prender todo mundo. E ainda disse que vai pedir cópia do boletim de ocorrências para demitir "por justa causa" os que continuarem reclamando. Isso é que é uma causa justa, hein? (S.A.)



QUE SORTE, HEIN?

A propósito da ameaça de greve dos metalúrgicos, que querem que o governo reponha os salários relativos a 1973, quando os índices de inflação foram oficialmente escamoteados, o ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, saiu-se com esta: "O trabalhador brasileiro é pacato por natureza, não sendo capaz de perturbar o clima de paz existente". Acho que o ministro tem razão: o trabalhador deve ser muito pacato mesmo, ou o sr. Prieto não seria ministro do Trabalho. (V.V.)



OPINION BIZZ

Diz o colunista Sérgio Bocchino: "Homem para mim é como dinheiro: quanto mais melhor". Opinião é opinião, mas eu prefiro minha parte em dinheiro mesmo. (S.V.)

HISTÓRIAS MAL CONTADAS

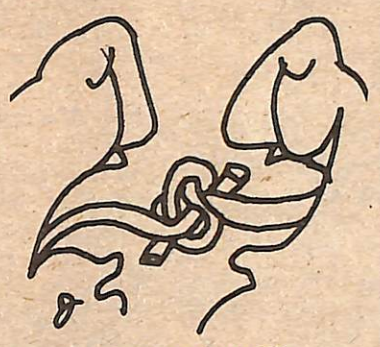
O **Jornal da Cidade** de quarta-feira começou assim uma matéria: "Esta é um das muitas histórias mal contadas que ocorrem diariamente pelas ruas de Jundiaí". Isso é que se chama autocrítica, hein? (S.V.)



TEMPOS POÉTICOS

O senador arenista Petrônio Portella declarou que o diálogo está "apenas na primeira fase".

Como é mesmo aquele poema? "Sete anos de pastor Jacó servia. . ." (E.M.)



ONDE VIVE?

O general Jayme Portela, ex-chefe da Casa Militar de Costa e Silva, disse que nunca viveu num país não-democrático. O jornal que publicou a notícia não informa onde viveu o general. (V.V.)

NOVIDADES NA PRAÇA

O Cine Ipiranga está anunciando "E O Vento Levou". Em São Paulo, o Cine Veneza está exibindo "A Máscara do Mágico", em terceira dimensão. Agora eu pergunto: quando é que vai ser a estréia do Leônidas, hein? (A.F)



OS GRINGOS DANÇAM

Antigamente os norte-americanos eram absolutamente incapazes de imitar nossa música popular: o samba deles parecia rumba, era uma piada.

Eles insistiram, insistiram e o que se vê hoje? Estão fazendo rocks iguaizinhos aos nossos.

Dancin' days é isso aí, bicho! (E.M.)

SR. 55709348211090

Pronto, agora estão querendo botar um número único para cada cidadão deste País. Assim, logo após o nascimento, todos vão ganhar uma série de algarismos que constará em todos os documentos, até o atestado de óbito. O projeto já está tramitando em Brasília, com muitos prós e contras. Já falaram que se isso for implantado, estará sendo usado "o lado perverso da computação". Falando por mim, acho muito mais simpático ser conhecido pelo meu nome. Modesto, mas muito meu e muito mais hu mano. (Kazuo).

TROMBEMOS POIS.

Agora, a ira da Secretaria da Segurança Pública se voltou contra os trombadinhas de São Paulo. Os policiais, usando cães, estão patrulhando as ruas centrais na espreita de alguma ação dos irriquietos garotos. Com isso, na semana passada, durante uma única tarde, foram detidos 409 menores. É o progresso. (Kazuo).

CONSTATAÇÃO

Arlindo Lopes Correa, presidente do Mobral, admitiu a inviabilidade da meta que buscaria transformar o analfabetismo no País em nível residual até 1980. Isto porque 500 mil analfabetos chegam à idade adulta por ano. "Não podemos nos iludir", disse Arlindo. Eu nunca me iludi, digo eu. (Kazuo)

HORA MARCADA

Foi durante a homenagem da Ordem dos Velhos Jornalistas do Rio de Janeiro ao comandante do 1.o Exército, general José Pinto de Araújo Rabello, dia 30 de agosto:

O presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde , transbordava em sua oratória quando lhe entregaram discretamente um bilhetinho onde se lia: "O general tem hora marcada e não pode ficar muito tempo". Austregésilo, porém, no auge de sua adjetivação, recebeu o bilhete e, acreditando que se tratava de um subsídio intelectual de algum amigo presente, deu mais ênfase às suas palavras:

– Além do mais, meus amigos, o general tem hora marcada.

O comandante achou muita graça.

O BRASIL TAMBÉM É FEITO POR NÓS

Professores universitários, estudantes, jornalistas, religiosos, sociólogos, parlamentares, profissionais liberais, representados por 21 entidades, divulgaram, na semana passada, em São Paulo um documento chamado "O Brasil também é feito por nós". Por ser um documento importante, aí vai a íntegra:

"No dia 7 de setembro comemoram-se os 155 anos de independência do Brasil. Como comemorar esta data que deveria ser uma festa do povo?

Hoje, entre nós, brasileiros, há um sentimento claro: a insatisfação com as péssimas condições de vida e trabalho e com a ausência de liberdades democráticas. Os sindicatos e as associações de classe independentes são fechados, as manifestações estudantis são reprimidas, as notícias e as artes são censuradas, os partidos populares são proibidos e os parlamentares são cassados. As riquezas do País, que é feito por nós, são exploradas mas não em nosso benefício. Sobem os preços dos produtos com frequência maior que a dos salários.

Neste dia, uma festa brasileira, devemos pensar nos anseios da grande maioria, hoje reprimida. Todos queremos a democracia. Todos queremos construir um País com melhores condições de vida e trabalho. Todos queremos participar daquilo que ajudamos a construir, interferir naquilo que é feito por nós e não tem sido governado por nós nem para nós.

Neste dia em que se comemora a independência se deveria também comemorar a liberdade. Todos queremos um Estado de Direito, em que a lei, dirigida a todos os homens, esteja definida na Constituição e não pelo arbítrio. A liberdade deve ser uma prática permanente e não uma concessão condicionada.

Sabemos que independência e liberdade não se pedem, se conquistam.

Comemoramos o 7 de setembro:

Por melhores condições de vida e trabalho!

Pela independência nacional!

Pelas liberdades democráticas!".

CONHEÇA O BRASIL.



Existem muitos roteiros para você escolher
Venha nos visitar, os ensinaremos
TURISMO CHECHIATO Ltda.
Rua Barão de Jundiaí, 260
Fones: 436-7084 e 434-0662

NOVIDADES
Charme
CALÇADOS
ROSÁRIO 626

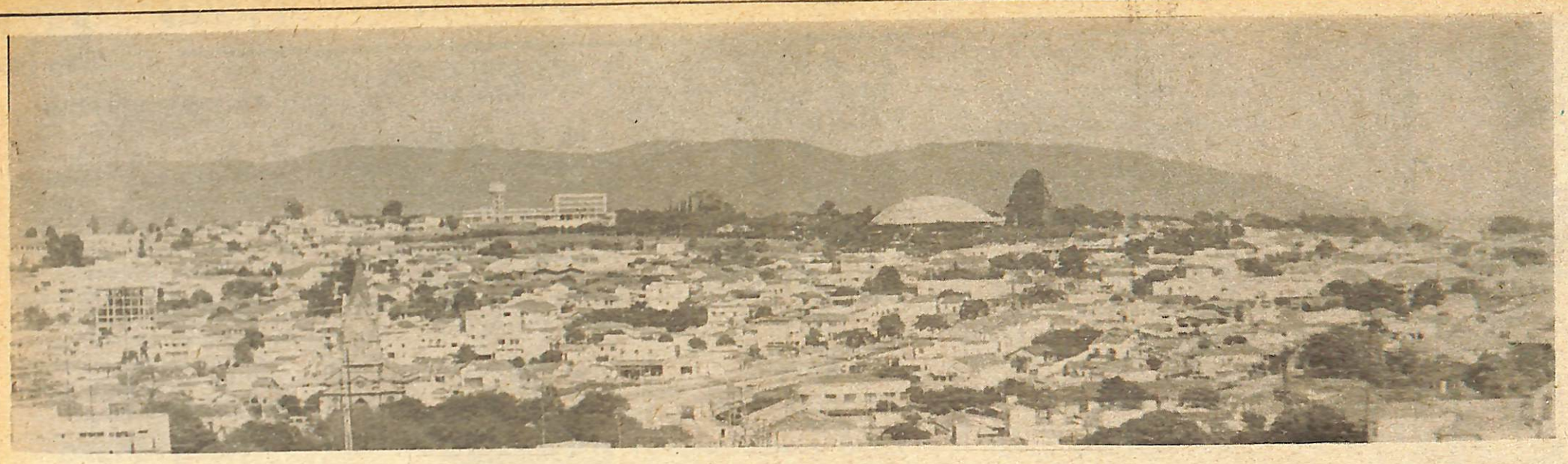
AÇOUGUE E CASA DE CARNE MÁRCIO
CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone: 436 - 4880

Escritório Comercial Leonel
R. Vigário J.J. Rodrigues, 162
Fone. 436.1541

XEROX
Também é com o
Foto Zézinho
R. do Rosário, 523
Fone. 434 8942



More Empreendimentos Imobiliários S/C Ltda.
VENDE
Casas novas – prontas para morar – 3 dormitórios banheiro completo – copa cozinha – Sala em L – Lavanderia – W.C. empregada – Abrigo – Jardim Quintal. 20% de entrada saldo financiado. Plantão de Vendas no Local (sábados e domingos) à Rua Edel Pondini Veletti – (Travessa da Rua Bom Jesus de Pirapora, a 300 m. da Polícia Rodoviária – Placas Indicatórias).
Av. Jundiaí, 613 – Fones, 434.1195 – 434.0651



Na Serra do Japi, a depredação continua.

SERRA DO JAPI: CADA VEZ MAIS RÁPIDA, A DESTRUIÇÃO.

A Serra do Japi, a única área verde de grande porte e o último reduto da fauna jundiaiense, está sendo distribuída a vigorosos golpes de machados a serras motorizadas. A situação da serra beira o caos agravada agora com a implantação, no seu sopé, da Via Norte, uma moderna auto-estrada que afugentará mais ainda os poucos espécimes que ainda restam da antiga fauna que habitava a região.

A situação é tão alarmante que recentemente o prefeito Pedro Fávaro, criou um Grupo de Trabalho com o objetivo de implantar parques municipais e reservas biológicas. Na portaria que cria o Grupo de Trabalho, o prefeito chegou a ser contundente, afirmando que "Jundiaí vê, estarrecida, a prática de atos que contrariam frontalmente a política de preservação do meio ambiente e que atingiram a Serra do Japi, considerado o "pulmão verde" do município, causando danos ecológicos profundos e ferindo a consciência cívica de nossa gente".

A SERRA

O Grupo de Trabalho criado pelo prefeito deverá se reunir pela primeira vez no próximo dia 22 deste mês, quando será escolhido o seu presidente. A partir daí, começarão a ser traçadas as diretrizes para preservar o pouco que resta de áreas florestais dentro do município. E deste pouco que resta, a Serra do Japi representa quase tudo. O melhor caminho a ser seguido pelo recém instituído Grupo de Trabalho será o de preservação da área, já que as outras regiões florestadas do município estão com os seus dias contados.

O engenheiro agrônomo Fortunato Garcia Braga, representante da Delegacia Agrícola de Jundiaí no Grupo de Trabalho, acha que o problema da serra é muito grave e pode ser considerado caótico. Por isso ele vê com muita esperança a criação do Grupo de Trabalho, "o primeiro passo que se dá em nossa cidade para a defesa da fauna e da flora originais da região".

COMO SALVAR A SERRA

A salvação da Serra do Japi parece que está dependendo apenas de uma coisa: boa vontade. Se os proprietários de terras na região serrana não se conscientizarem que a depredação trará problemas para todos, não restará esperança. Principalmente porque a legislação federal que regulamenta o assunto é generalizada e tende a tratar da mesma forma os problemas que afligem as mais variadas regiões do País. Na opinião de Fortunato Garcia, deveria haver uma regulamentação mais particularizada, tratando cada região de acordo com a sua especialidade. "Não se pode solucionar um problema específico de Jundiaí da mesma forma como se soluciona um outro da região amazônica".

Com uma legislação errônea, generalizada, determinando que toda a área a ser desmatada devera ser deixado apenas **um por cento** de vegetação original, pouco se pode esperar quanto à preservação da Serra do Japi.

— Uma das soluções — explicou Fortunato — seria a Prefeitura desapropriar a serra, transformando-a num parque municipal.

Mas existe ainda uma outra solução: conscientizar os proprietários de que o desmatamento é profundamente prejudicial. E essa deverá ser a principal política a ser adotada pelo Grupo de Trabalho na tentativa de preservar a serra.

A legislação vigente não impede que os proprietários desmatem suas terras, já que normalmente eles fazem isso para aumentar suas áreas cultiváveis, incrementando a lavoura. Ela determina ainda que da área a ser desmatada vinte por cento devem ser reflorestados. Mas, estranhamente, não especifica de que forma. O que ocorre é que muita gente acaba plantando em lugar da vegetação nativa, árvores chamadas tecnicamente de "exóticas", ou seja, que não fazem parte de nossa flora original, como o caso do eucalipto (de origem australiana) e o pinus (pinheiro originário dos Estados Unidos). Com isso, acabam prejudicando profundamente a fauna da região.

Para se ter uma idéia dos danos que isso tem causado à Serra do Japi, atualmente a sua fauna está reduzida a pouco mais de quarenta por cento em relação a quinze anos atrás. Já não se vê, como há dois anos, tantas jaguatiricas, nambus, macacos, ticoticos e canários da terra, numa demonstração de que aos poucos os animais vão se afastando ou simplesmente se extinguindo.

Atualmente, nem mesmo a vegetação existente nas beiras de lagos, rios e nascentes tem sido respeitadas. A prova disso são os diversos processos e multas que a Guarda Florestal tem aplicado nos infratores. Segundo a legislação, a vegetação ribeirinha, numa faixa de dez metros, os terrenos com mais de 45 graus de elevação e os topos dos morros não podem em hipótese alguma, serem desmatados. Mas nem sempre isso é respeitado.

É a conscientização que o Grupo de Trabalho pretende impor é exatamente uma tentativa para acabar com esse tipo de problema. Mas Fortunato acha que esse será um trabalho exaustivo: "infelizmente, desde o descobrimento do Brasil, criou-se a imagem de que as florestas são um mal que deve ser debelado a todo custo. Mas isso foi há muito tempo. Hoje temos que pensar de modo diferente: as florestas representam a nossa sobrevivência".

O FIM DAS FLORESTAS

Há trinta anos, as matas abrangiam cerca de setenta por cento do Estado de São Paulo. Atualmente, apenas cinco por cento do Estado estão cobertos de vegetação original. Nestas alturas, como a fauna sobrevive? Para Fortunato, esse quadro representa o final da fauna paulista e a solução está em preservar, imediatamente, o pouco que resta.

Fortunato afirma que se o desmatamento em Jundiaí continuar com a voracidade atual, dentro de vinte anos ocorrerá o caos. "Teremos pouca água, os vales dos rios estarão assoreados, ocorrerão grandes enchentes e os nossos mananciais secarão".

A FEBRE DO EUCALIPTO

Um dos mais sérios rivais da Serra do Japi no momento é a chamada febre do eucalipto, como explica Fortunato. Com a existencia de diversas empresas nas proximidades de Jundiaí que trabalham com celulose, os grandes proprietários tendem a desmatar para plantar eucalipto, uma árvore que não pertence à nossa flora e à qual não se habituam as nossas aves e animais.

— É preciso que todos se conscientizem de que esse tipo de vegetação deve ser racional, de acordo com as normas técnicas. Em cada área desmatada para o plantio de eucalipto, uma parte deve ser mantida com a vegetação original, proporcionando refúgio para os espécimes de nossa fauna. No caso da Serra do Japi, devemos entender que ela representa a última reserva natural de toda a nossa região".

ÚLTIMA ESPERANÇA

A formação do Grupo de Trabalho representa para a Serra do Japi e para a população de Jundiaí uma grande esperança, talvez a última delas. A desapropriação das áreas situadas na parte superior da serra, onde a terra é pobre e praticamente não serve para o cultivo, tende ser uma solução, a exemplo do que ocorreu durante a administração do ex-prefeito Walmor Barbosa Martins. "Ele desapropriou muitas áreas", salientou Fortunato Garcia "mas não foi o suficiente. Com fiscalização baseada na legislação atual será difícil conseguirmos alguma coisa. A não ser que haja a colaboração de todos".

Apesar de a fiscalização da Guarda Florestal ter se intensificado ultimamente, coibindo muitos abusos, a Serra do Japi nunca foi tão maltratada e depredada. Com a criação desse Grupo de Trabalho, a serra deverá ser enquadrada como uma das regiões prioritárias dentro da política de preservação das combalidas reservas ecológicas do município. E isso já representa um primeiro passo para se enfrentar um problema que sempre foi colocado de lado pelas administrações passadas.

(S.H.)

VENHA BUSCAR SEU VOLKS OKM. NA Sótergal BASTA PARTICIPAR DA V.D.S. PARA GANHAR! TUDO A PREÇO DE INDÚSTRIA!

SÓTERGAL
Avenida Dr. Olavo Guimarães, 197
Rua São Pedro, 293 — Ponte São João